

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Sousândrade  
*O Guesa errante*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Sousândrade

## *O Guesa errante*

Revisão e atualização ortográfica

**Iba Mendes**

---

Publicado originalmente em 1868.

**Joaquim de Sousa Andrade de Caukazia Perreira  
(1832 – 1902)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 474**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Sousândrade: “*O Guesa errante*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
*iba@ibamendes.com*

# BIOGRAFIA

Durante a 2ª fase romântica, no Brasil, Joaquim de Sousa Andrade ou Sousândrade, como preferia que fosse chamado, despontou-se como um poeta pouco conhecido entre seus contemporâneos. Segundo Haroldo de Campos, dotado de um estilo irreverente e ousado, o citado autor acentua tal característica por meio, dentre outras coisas, da bizarria de seu próprio nome, que consiste na aglutinação de seu nome de família.

Estudos sobre sua biografia retratam que Sousândrade nasceu na fazenda Nossa Senhora da Vitória, próxima ao rio Pericumã, município de Guimarães, no estado do Maranhão, a nove de julho de 1832, vindo a falecer em São Luiz, a 21 de abril de 1902, levando consigo uma vida repleta de aventuras e de diversas peregrinações por todo o mundo.

Filho de José Joaquim de Sousa Andrade e de Maria Bárbara Cardoso, importantes fazendeiros pertencentes à elite nobre de Alcântara, muito precocemente, o poeta e sua irmã Ana ficaram órfãos de pai e mãe, desencadeando a desestrutura familiar e a ruína da fortuna herdada. Nas palavras de Campos, tais acontecimentos foram explorados anos depois pelo poeta, na obra “O Guesa”, em que é evocada sua infância feliz e exposto todo seu inconformismo provocado pela falência da fazenda Vitória.

A estes dados a respeito de sua vida familiar, tais estudos biográficos revelam a fase errante que marcou a vida de Sousândrade. Campos cita viagens deste poeta pela Europa, Amazonas, Estados Unidos e por vários países da América Latina, destacando que, durante sua permanência no país norte-americano, o poeta maranhense trabalhou incansavelmente partes do longo poema “O Guesa”, cujas primeiras datações remontam o ano de 1858.

Dado seu contato com as mais diversificadas culturas, povos e realidades sociais, Sousândrade vivenciou de forma muito próxima as mazelas humanas e sociais. Campos revela que a experiência deste autor com os diversos estilos de vida, característicos de diferentes povos, contribuiu para acender seu fervoroso espírito abolicionista e republicano, o que é comprovado pela sua atuação como um desprendido cidadão e patriota de seu tempo. Lutou com muita veemência pela abolição da escravatura, pela proclamação da República, pela reforma de desenvolvimento da educação, bem como pela moralização dos costumes.

---

## **Referência bibliográfica:**

Gisele Alves: “Para um glossário neológico da obra “O Guesa”, de Sousândrade: uma proposta”. (Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística. Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins). Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

# ÍNDICE

## GUESA ERRANTE

|                     |    |
|---------------------|----|
| História.....       | 1  |
| Canto Primeiro..... | 2  |
| Canto Segundo.....  | 20 |

## POESIAS DIVERSAS

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| Crescente.....                 | 36 |
| <i>Lilium convallium</i> ..... | 38 |
| Ave-Maria.....                 | 38 |
| Carmen.....                    | 39 |
| Flor das ruínas.....           | 40 |
| Maria.....                     | 42 |
| Donde vens?.....               | 43 |
| Tardes na ilha.....            | 44 |
| Mademoiselle.....              | 45 |
| Deserto.....                   | 46 |
| Leila.....                     | 47 |
| Morta de amor.....             | 48 |
| Crepusculares.....             | 49 |
| Limbos.....                    | 50 |
| Recitativo.....                | 52 |
| Estâncias.....                 | 52 |
| Voa.....                       | 54 |
| Saudades no porvir.....        | 54 |
| Sedução.....                   | 55 |
| Arrependimento.....            | 57 |
| Casuarinas.....                | 58 |
| Flores do ar.....              | 59 |
| Miosótis.....                  | 62 |
| Sultana do rouxinol.....       | 64 |
| Elos quebrados.....            | 65 |
| Vascas do justo.....           | 65 |
| Soneto.....                    | 66 |
| Esperar.....                   | 67 |
| Da meia noite.....             | 68 |
| Limões cheirosos.....          | 68 |
| Eu vi a flor do céu.....       | 69 |
| Aninhas.....                   | 69 |
| Morreres?.....                 | 70 |
| Sons e aromas.....             | 71 |
| Isabel de Espanha.....         | 73 |
| Vinte e oito de julho.....     | 74 |
| <i>To Inez</i> .....           | 75 |

## O GUESA ERRANTE

*La victime était un enfant enlevé de force à la maison paternelle, dans un village du pays connu aujourd'hui sous le nom de SAN JUAN DE LOS LANOS. C'était le guesa, ou l'errant, c'est-à-dire la créature sans asile; et cependant on l'élevait avec un grand soin dans le temple du soleil jusqu'à ce qu'il eût atteint l'âge de quinze ans. Cette période de quinze années forme l'indition dite des muiscas.*

*Alors le guesa était promené processionnellement par le suna, nom donné à la route que Bochica avait suivie à l'époque où il vivait parmi les hommes, et arrivait ainsi à la colonne qui servait à mesurer les ombres équinoxiales. Les Xequés ou prêtres, masqués à la manière des Égyptiens, figuraient, le soleil, la lune, les symboles du bien et du mal, les grands reptiles, les eaux et les montagnes.*

*“Arrivée à l'extrémité du SUNA, la victime était liée à une petite colonne, et tuée à coups de flèches. Les XÈQUES recueillaient son sang dans des vases sacrés et lui arrachaient le cœur pour l'offrir au soleil”.*

L'Univers, Colombie

## CANTO PRIMEIRO

### I

Folga, imaginação divina!

Os Andes

Vulcânicos elevam os cumes calvos,  
Circundados de gelos, mudos, alvos,  
Nuvens flutuando — que espetáculos grandes!  
Lá, onde o ponto do condor negreja,  
Cintilando no espaço como brilhos  
D'olhos, e cai a prumo sobre os filhos  
Do lhama descuidado; onde lampeja

Rugindo a tempestade; onde, deserto  
O azul sertão, formoso e deslumbrante,  
Arde do sol o incêndio, delirante  
No seio a palpitar do céu aberto,

Coração vivo! — Nos jardins da América  
Infante adoração dobrou sua crença  
Ante o belo sinal, que a nuvem ibérica  
Em sua noite envolveu ruidosa e densa.

Cândidos Incas! Quando já campeiam  
Os heróis vencedores do inocente  
Índio nu, quando os templos incendeiam,  
Já sem virgens, sem ouro reluzente,

Sem as sombras dos reis filhos de Manco,  
Viu-se (que tinham feito? (E pouco havia  
A fazer-se.....) num leito puro e branco  
A corrupção, que os braços estendia!

E da existência meiga, afortunada,  
O róseo fio nesse albor ameno  
Foi destruído. Como ensangüentada  
A terra fez sorrir o céu sereno!

Foi tal a maldição dos que caídos  
Morderam a face dessa mãe querida  
A contrair-se aos beijos denegridos,  
Que o desespero imprime ao fim da vida,

Que ressentiu-se, verdejante e válido,

O floripondio cem flor; e quando o vento  
Mugindo estorce-o, doloroso e pálido,  
Gemidos se ouvem no amplo firmamento!

E o sol que resplandece na montanha  
As noivas não encontra, não se abraçam  
No puro amor e os fanfarrões d'Espanha,  
Em sangue edêneo os pés lavando, passam.

Caiu a noite da nação formosa;  
Gervais romperam por nevado armento,  
Quando com a ave a corte deliciosa  
Festejava o purpúreo nascimento.

## II

Assim volvia a olhar o Guesa Errante  
As meneiadas cimas, como altares  
Do gênio pátrio, que a ficar distante  
Voa a alma beijar além dos ares.

E, enfraquecido o coração, perdoa  
Pungentes males que lhe deram os seus,  
Talvez feridas setas abençoa  
Na hora saudosa, murmurando adeus.

## III

Porém não se interrompa esta paisagem  
Do sol no espaço! misteriosa a calma  
No horizonte, na luz bela miragem  
Errando, sonhos de doirada palma.

Folga, imaginação divina! Sobre  
As ondas do Pacífico azulado  
O fantasma da Serra projetado  
Áspero o cinto de nevoeiros cobre:

Donde as torrentes espumando saltam  
E o lago anila seus lençóis d'espelho,  
E as colunas dos picos d'um vermelho  
Clarão ao longe as solidões esmaltam.

A forma os Andes tomam solitária  
Da eternidade feita vendaval  
E compelindo os mares, procelária,



Condensa e negra, indômita, infernal!

(Ao que sobe do oceano, avista a curva  
Perdendo-se do éter no infinito,  
Treme-lhe o coração; a mente turva  
S'inclina e beija a terra — Deus bendito!)

Ou a da noite austral, co'a flor do prado  
Comunicando o astro; ou a do bronco  
E convulsivo se anelar d'um tronco  
De constritor, o páramo abrasado.

E o deus no espaço, em fulgorosas vagas  
Repercutida a luz no céu profundo,  
Fugitivo dos Andes, corre as plagas  
Da morte o filho. O encontrareis no mundo:

Ora sorrindo o riso dois amores,  
Que ao peregrino encantam os corações;  
Ora chorando nas saudosas dores  
Debruçado no túmulo das nações.

#### IV

Ele entrega-se à grande natureza  
Voluntario; rodeiam-n'os selvagens;  
O Amazonas trêmulo, suas margens  
Rotas, os ecos a distância os pesa.

Ama, acesa a planície, em lentejoulas  
Luzindo as florezinhas verticais;  
Dorme a sombra de místicas papoulas;  
Uivo o vento volvendo os vegetais.

Escuta hinos d'além, voa a corrente  
Dos pongos, que retumbam no deserto;  
Do cálix pende desse enlevo aberto  
Da flor, que se desata enrubescente —

Flor de mel! Sussurrantes ao meio dia  
As abelhas na selva, há espessura  
Reina o viver — Oh! bela criatura,  
Dos olhos teus a, luz é tão sombria!

Se comprimem-se os membros palpitantes

A passá-los em si, ou são delírios  
Dos encantos, ou cândidos martírios  
Dos desejos instando co'os instantes,

Não sei. Mas tinto de coral o rosto,  
Em doce encarnação, qual se se abrissem  
No coração jardins que florissem  
De matiz vivo, puro e não composto

Desce o vago dos céus, desce no enlevo  
Crepuscular e a doce transparência  
Das namoradas rosas da inocência.....  
— Ser e não ser — adeuses eu descrevo —

Adeuses, com a gentil filosofia,  
Com toda a metafísica inspirada  
De Platão o divino, que em poesia  
Possa caber nesta soidão sagrada.

Descrevo a embriaguez d'elíseos sonhos  
E as tão formosas cousas, de tal sorte  
Das mãos dos céus seráficos, risonhos  
Caindo meigas entre a origem e a morte.

Nossa alma eterna pelas raias,erra  
Dos desterros da vida se extinguindo;  
Depois, como o estou vendo estar luzindo,  
Vem ver-se o sol; depois, ao diabo, à terra.

Oh! de amor quantas coroas delirantes!  
Chameja em flores trêmulo o dossel,  
Douram-se frutos, fendem-se, brilhantes  
Gotas vertendo de ambrosiado mel;

Concertam passarinhos na ramagem  
Com os rumores, que ouviram no paraíso  
Os primeiros amantes, mansa aragem,  
Ondas frescas, a sombra, o amor, o riso,

Quando acorda-se à voz da natureza  
Do beija-flor nas asas, que a solteira  
Com o mavioso langor desta palmeira  
Derrama em torno à mágica beleza.

Os assombrados olhos lhe branqueiam  
Como o voar da borboleta, errantes  
Pelos cílios umbrosos, e os diamantes  
Em al centelha ignivoma incendeiam:

E param, meigos da fatal meiguice  
De vésper em seu centro de vapores —  
Ela entrega-se e exala como as flores,  
E, de a colherem na soidão, bendiz-se.

Ela é como a baunilha, seus cabelos  
Trescalam, luze-negros e aromosos,  
Rosam-lhe os risos flor, e os braços belos  
Penetram enlaçando-se viçosos.

Aqui não são as nuvens, que desmaiam  
Nas auroras de amor vãs outonais;  
Aqui dardeando os raios, onde caiam  
A morte levam ou gozos perenais:

Que nunca olhos tão puros entornaram  
Do fogo interno tantas claridades,  
Doces íris de luz, que se geraram  
No amor do sol com as belas tempestades:

Moveis noites d'estrelas que fagulham  
Toda existência, o reino dos sentidos  
Ao coração passando, e nos ouvidos  
O fracasso dos pongos que marulham!

## V

Segui-a: luta brava, mimos - se boje  
Ela voa veloz e peregrina  
Corça esbelta espantada na campina,  
Persegui — que amanhã já menos foge:

Volta o ágil pescoço, num pé lindo  
Balanceia confusa, e sorridente  
Ireis vê-la; mas, quando obediente,  
Aconselho-vos, dai tudo por lindo.

— Podeis morrer de beijos, que são faces  
Onde alvorecem as mais puras rosas,  
Não há na várzea acácias tão cheirosas,

Nem tão brilhantes frechas, tão fugaces —

Mas é preciso ver como, rendida  
Ao grande amor, a Brasileira esquiva  
Tem extremos, e como enternecida  
Estende a pomba o colo compassiva!

Bela como este sol dos grandes climas  
Do seu país, ela é fiel e nobre:  
Mas irradia e luz, coriscos sobre  
Minha ilha verde de florentes cimas,

Se mal suspeita uma rival! em zelos  
As vaporosas roupas desampara,  
E é com a face lívida que encara  
O tirano, se embrulham seus cabelos,

Abandona-se à dor. Acesa quanto  
Inflamável, simelha de vingança  
Furiazinha ferida, na esperança  
Do coração, na fonte de seu pranto.

Irada sem ser fera, como a bela  
Garça ofensiva pelas asas, rudas  
Na doce alvura, já suas horas mudas  
Começam de ir. Então não há mais vê-la:

Porque nas sombras pela noite, oculta  
Como o foi para amor, ela sozinha  
Comprime a fronte d'anjo, se amesquinha  
E na rede embalada se sepulta:

Que bem se julga envilecer chorando  
Ante o que a roubou de um a existência  
De paz, lançando-a na fatal demência  
Em que ela esta, perdida. Em tão cantando

A vereis, se passardes sem ser visto,  
Beijando o filho caro; e no seu canto,  
Nessas notas finais, longas do pranto,  
Se ela se queixa, apenas diz: existo.

E ela tem razão. Mas, vingativa  
Nos serpentinos ímpetos, ainda

E nunca se desonra. A noiva finda,  
Começa a viuvez meditativa.

A viuvez do amor desesperado  
Da que cedeu, que fez dos braços leito  
De sonhos, e que vê sobre seu peito  
Altar de um deus por *outra* derribado:

Da que solta correu, virgem, menina  
Do páramo e do val, como o perfume  
Sobre os raios do sol, na adamantina  
Fonte mirou-se — e como se resume!

A viuvez da que desperta e cerra  
Os olhos de vergonha... na fraqueza  
Em que s'inflamaram os seios da beleza  
E o desencanto que encontrou na terra.

## VI

Tal bonina quereis, pura, cheirosa?  
— Solenes calmas, quando se desmaia  
O areal vasto de deserta praia,  
Vede-a banhar-se, esplendida, donosa,

Nas ondas de ouro e luz oiara bela!  
— Rósea a tarde, assentada no batente,  
O dia pelos montes decrescente  
Trazendo mil saudades à donzela!

Quem a não ama! se ela é tão suave  
Na indolência dessa hora! a luz que emana  
Do ocidente a reflete, o trino da ave  
E o brando olor da terra americana.

E no silêncio se lhe esvaem enfermos  
Lentos olhares seus, meiga violeta  
Inspirações da varia borboleta  
A anoitecer nos bosques fundos, ermos:

Ou ainda mais bela, se languesce  
Rindo as nuvens quais sonhos lhe adejando  
Do cachimbo doirado, e se embalando  
Em lascivos quebrantos adormece.

Mais o quadro realça, a sombra escura —  
Aproximai-vos pois, que nos ardores  
Da sesta é doce a inclinação das flores  
Do aroma ao peso e a sonolenta alvura.

Num abandono voluptuoso dorme  
A bela natural do clima ardente,  
Um a alva perna a lhe pender luzente  
Da varanda de plumas multiforme:

Tonteia a fronte, em raptos remontam  
Pensamentos aos céus.....olhai, que seio  
Almo e tão branco intumescendo ao meio  
D'um corpo a viçar lírios, que despontam

Ao fogo eterno! larvas d'outros mundos,  
De que neste vos dão tremenda idéia  
Os dânteos tratos com que amor se ateia  
Na alma, vedando os pomos rubicundos!

## VII

Se fruta preferis de travo agreste,  
Ou peixe-elétrico a lampear nas águas,  
Ou d'ave, andando ao sol que a punge o veste.  
Altivo colo e longe ouvidas mágoas:

— Da poeira fúnebre no ritual piedoso,  
À sombra circulai- dos arvoredos  
Fogosa indiana, manitô saudoso,  
Suspira ao vento que lhe trás segredos:

A flora a margem, com suas novas tranças  
Luzindo o olhar de lago puro e morno,  
A *apresentada* das ruidosas danças,  
Das ruas provas, roda o amor em torno:

A flor colhei dos troncos, tão selvagem,  
Tão vagabunda, que nos galhos mora,  
Que assalta as brenhas, anda em ciganagem  
E com o ramo espreguiça-se na aurora:

Vogai na balsa co'a Puru boiante;  
Co'a Miranha no monte ide fugindo  
Do antropófago Umáua se partindo

Espetro. —

## VII

*Meia noite! O Guesa Errante.*

Na selva os berros do jaguar fragueiros.  
Nas plúmbeas praias da deserta Ronda  
Soltando o lanço os ledos marinheiros.  
Do seu banho noturno agora da onda

Se separava assobiando os ventos  
Nas encostas sonoras, lhe enxugavam  
Os seus cabelos negros, que agitavam  
Como ondulam os sombrios movimentos

De Solimões pálido, Ele escuta:  
Auras surdas, diáfanas alfombras  
No espaço, o ressonar da pedra bruta:  
E entristeceu.

### CONTEMPLAÇÃO NAS SOMBRAS

“Não foste ainda o Lethes... Aqui, donde  
Veloz gavião-real prendendo a cobra  
Que esfuzia e debate-se, desdobra  
No ar serenas asas e responde

“Com grita ovante ao s'escorjar violento  
Do réptil, no espaço ora o soltando  
Em convulsão brilhante ora sedento  
E lívido sobre ele o retomando:

“Com sua dor abraçado, no martírio  
Do que dobra ao bater do pensamento  
E não presente vir-lhe o esquecimento  
Nem de Deus, nem da morte ou do delírio.

O homem descansa. A ave se desata  
E desdenha o rochedo; elo aqui, preso  
Pelas cadeias do seu próprio peso,  
Une-se à terra - condição ingrata!

“Oh ironia! o fazem miserável  
E abrem-lhe os olhos! para que? — Estrelas,

Cintilai! Cintilai! Passando as velas  
Vermelhas pela sombra permeável,

“O pescador ficando mudo as toma  
Pelo vulto fantástico descendo  
Da mãe-do-rio, fluída estendendo  
As formas na onda móvel. — Puro aroma

Exalam os seios naturais! Se cria  
Um filho neles, e a maior aurora  
Que precedeu ao sol, foi nesta hora  
Que se encarnou nos braços de Maria!

“Descei, raios da noite! o dia é claro  
E pode mesmo ser talvez mais belo;  
Porém a noite etérea traz o selo  
Do coração ao sentimento caro.

“Quanta augusta mudez! Oh! é verdade,  
Não é uma ilusão, que está-se ouvindo  
Ao tempo solitário dividindo  
Longe o horário fatal da eternidade!

“Apagam-se no mundo agora as luzes,  
As máscaras se rompem, e das paixões  
Erguem-se os crimes co'as exalações  
Do impuro estagno; e como tu seduzes.

“Desonra! que os abismos dos teus olhos  
Da alma inocente as esperanças bebem!  
Mudam-se as cenas dos jasmims em abrolhos,  
E os amores resistem, porém cedem:

“ — Doce degradação do Bardo eterno —  
Qual andorinha alegre que esvoaça  
Por sobre o Paulo Afonso, e passa e passa  
Mirando-se gentil à flor do inferno:

“A onda estua, o turbilhão ressoa  
Nu abismo, o nevoeiro são bandeiras  
D'íris de ouro brilhante, feiticeiras  
Belas asas de Lúcifer; revoa.

“E passa, passa, voa já mais rasa,



E na fascinação da queda e as vozes  
Já sente o palpitar d'águas atrozés  
A sorrir-lhe, a beijar-lhe as pontas da asa —

-“Ai adeus! e sumiu-se. Num tormento  
Vai da onda nos seios. Mais uma hora,  
La no fim da corrente eis que a devora,  
Só, o abutre da dor. — Neste momento

“Os meus prazeres são com a natureza.  
E nas plagas inóspitas, com a vaga  
Que são as minhas festas, na tristeza  
São as brisas da noite quem me afaga:

“Porque o destino e a dor do pensamento  
Encontram sempre aqui alguma infinda  
Consolação — mais dolorosa ainda —  
Nossa alma é dupla sobre o isolamento.

Os gozos d'alma aqui são solitários  
Como o passado; mas então as rosas  
Não desfolham, tão murchas, tão penosas.  
Na face pudica; os vestais sacrários

“Não penetram-se; o sono sossegado,  
Como um sonho do mal, não se perturba.  
Sitibundo de amor e embriagado  
Na rósea taça, que se eleva à turba.

“Mas, quanta dor no amor! e que aflitivos  
Dos outros corações não se levantam  
Prantos em torno ao meu! que o desencantam  
Da luz, o apartam do bailar dos vivos.

“E fujo em vão: cá dentro, dentro escuto  
Soluçar fundo — e não desagrado:  
Vê-se, como tão rápido anoiteço,  
Como de sombra e solidão me enluto.

“Entretanto horas há, como as que expiram.  
Neste instante através da minha vida,  
Em que sinto correr esta querida  
Lágrima, orvalho do passado...  
Giram...

“Talvez, se sentem, os círculos divinos  
De asas inefáveis — Santo Espírito!  
Sobre o raio diáfano e sopito  
Descei da noite de formosos hinos!

.....

“Do mundo despedi-me, está despido  
O manto social que me trajava:  
Eu direi a razão porque hei vivido  
Longe de tudo quanto eu mais amava.

“Acostumando-se alma co'as estrelas,  
As soidões aniladas, a exilar-se  
Nas montanhas umbrosas, a embalar-se  
Como a ave do ar nas vascas belas

“Do oceano a torcer os puros músculos  
De seus ombros profundos — que se riam  
Embora, os meteoros que desfiam  
Fátuos à face de estivais crepúsculos,

“Rompem-se as relações (eu não odeio  
Que não possam ouvir-me), e discordante  
Só não tira esta voz de eterna amante.  
Que dá sofrer e amar com mesmo enleio.

“Anda-se como eu ando, sem conforto,  
Vendo a verdade nas divinas dores,  
E nestes astros, neste abril de flores,  
Somente espinhos — como no Mar-morto

“Cingiam a vaga e a desmaiada frente,  
Coroa única. — O que sou? quem era?  
Ramo estalado ao sol da primavera,  
Olhando os cumes de teu sacro monte,

“Filha eterna dos céus! Oh, ninguém queira  
Saber o quanto pode ter passado  
Um coração que chega a este estado  
Solitário, em que estou nesta ribeira!

“Eu não conheço as aflições queridas

Da família e do lar: as minhas mágoas,  
Como os sons destes rios, destas fráguas  
Neste silêncio morrem, vão perdidas,

“Sem a tão doce inclinação que leva,  
Como a veia dos vales, aos ouvidos  
O puro mel de lábios conhecidos —  
A noite eu sou, consumo a minha treva.

“E qual no exílio d'alma o vão suspiro  
Parte-se, e as ilusões abandonando  
Do mundo sai, direito ao seu retiro  
O jogador suicida, praguejando

“Contra os deuses e os homens, não me queixo  
Da Fortuna e do Amor — cândida presa  
Que um filho d'água no doidar despreza  
Dos delírios ao sol — em que inda o deixo.

“Porém vos, que não tendes a serpente  
Escamosa a morder-vos enrolada  
No coração em sangue, quanto amada  
Não será vossa vida de inocente!

.....

“Também frui no engano destes sonhos  
De alvejantes visões, asas radiosas  
Velando em meu abismo, mariposas  
Nortes no errado mar... Dias risonhos,

“Que não fazem senão que se ressinta  
Mais do negrume a sombra! Ainda eu amo:  
Bem vês que ao meu inferno te não chamo;  
Deixa-me só, na lágrima retinta

“Banhar a bela tarde, que se apaga  
Dos olhos meus — Atas ficava a França,  
Como um lume saudoso; de esperança  
Novo lume eu seguia sobre a vaga,

“Onde eu era atormenta! eis o passado.  
E o presente? o gelo, a morte existe  
Entre mim e o mais, e mudo e triste

O céu, Qual de minha alma repassado.

“Porém, que importa tudo isso? — quando  
A ação divina desce e com o que erra  
Ser orgulhoso vem se unir na terra,  
É sempre infeliz o misto resultando.

.....

“Corro ao túmulo; as crenças namoradas  
Venho esquecer aqui — nunca se esquecem!  
Neste interno horizonte surgem aladas  
As formosas saudades, aparecem

Como as aves de Ossian voltejando  
Sobre o escudo sonoro do guerreiro  
Que seguiam ao vale. O desespero,  
Nossa alma imortal dilacerando.

“Cria a indiferença, irmã da morte.  
Cega a esses lises de que amores falam  
Com saudosa magia, em que se exalam  
Os seios das paixões da virgem forte

“E a tarde sideral — cinza deixei-os,  
Sem s'inflamarem, nem dos ventos serem,  
Da saciedade lívida a se erguerem  
Num presente isolado, os belos seios!

“Trêmulos eram, eram travesseiros  
Magos do sonos, e solidões formosas  
Dos bem-queridos crimes feiticeiros  
Do coração, que as chamas enganosas

“Endoidece. Dos céus que então se digam  
Os mil romances de virtude, clamam  
As voragens por estes seios que amam,  
Que eternizam desejos, que se ligam

“Ao sacrifício — e dos anelos ternos  
Se desencantam, no aborrecimento  
Deste desgosto e frio tédio, infernos!  
Do que nos deram de melhor...”

O vento

Murmurou, Qual satânica risada  
Que estalasse na treva.  
“Então se geram  
Sutil remorso e a saudade amada,  
Tal por divertimento nos fizeram...”

Ora o Guesa, talvez supersticioso  
Do deserto, das sombras, e essas vozes  
Formidáveis, da noite além nas fozes.  
Estremeceu e despertou medroso —

Que é num lúcido sono que as idéias  
Se prolongam mais fundas em nossa alma.  
“ — Quem esta se rindo?!... eu devo com mais calma  
Pensar... não são tão sós mesmo as areias...

“E eu verguei ao peso de meus males:  
Céus, quanto sofro! tenho consumido  
Gota por gota do meu negro cálix  
O fel, de que acabei por ser nutrido.

.....  
Força da solidão, eterna imagem  
Contemplada nos céus, alma em ação,  
Se divina! E vós, musas da aragem,  
Vibrai as harpas da meditação!

“Eu falava nas cousas em que nunca  
Eu devora falar: é resignado  
Que devemos sentir ser-nos quebrado  
O coração, como onda amara, adunca.

“Elemento de amor, dor que devoras  
Os que nutres, nos lábios do maldito  
O verbo teu será sempre bendito...

.....  
Eis o risonho grupo das auroras!

“Não; foi para neblina quando move  
De seu vapor as alvas fraldas belas;  
Inda o grito das aves, sentinelas

Das horas do deserto, ao longe se ouve.

“Não esperei de viver tanto: há muito  
Que esta contado o número sombrio  
Dos dias meus: e a beira deste rio  
Preso às minhas ruínas se inda nuto,

E porque tenho de pagar favores  
De muitas mãos, que foram recebidos  
Por um prazo, que julgam-se perdidos  
Talvez, e são as sempre vivas dores.

“Nunca os agradei, como há costume  
D'em cortesia agradecer-se a oferta:  
Os reconheço, crede e tende certa,  
Além da gratidão, que é flor do cume,

“A letra — juro, capital — Um dia,  
Lembro-me agora, naufrago e perdido,  
Porém só, na mudez minha e sombria  
Fui à audiência dos reis; fui recebido.

“Meu rosto juvenil tinha a verdade  
Da morte prematura; mas havia  
No silêncio dos olhos, co'a saudade,  
Vago destino e esp'rança de algum dia.

“Eram os pais dos povos, fui. Somente  
Nessa dívida de honra, a salvação  
De um suicida e d'afros mui dolentes,  
Quisera eu sagrada discricção.

“Minha mãe virtuosa, ó liberdade,  
Amor do coração! voltei mais nobre —  
Tal reservado ofende à majestade,  
Os reis não correspondem-se co'o pobre.

O que é de César, pela grande porta;  
Na pequena e suspeita, o que é de Cristo  
Revolucionário eterno. — Um véu sobre isto,  
Cuja antiga lembrança punge e curta.

“Bênçãos aos reis, e maldição aos réus,  
Qual bem podiam de ouro ser as rosas:  
— Não se apaguem as da vida, mais formosas,

Mais rescendentes, os encantos meus,

“Sempre que nos libertam!

.....

Quanto amarga

Teu fruto, impuro, doce amor! Se a amante  
Com purpurino rir nos cinge adiante  
Dos deuses; se na adolescência a carga

“Do coração é leve (oh como é leve!):  
Se as volúvolas horas desaparecem  
Na fuga esperançosa e nos parecem  
As cousas rindo-se, esperai: em breve

“A sonda toca o fundo da existência,  
A lia a tolda: de encantados mares  
Vão-se as fadas, e vem os negros ares;  
E vem de scorpio o dardo de violência —

“Emudecei! perpétuas da virtude  
Sobre tão verde relva, com piedade,  
Onde dorme essa flor de juventude,  
Teçam roxas coroas da saudade!

“Foi Chatterton, meu Deus, que encontrou negra  
A aurora do viver na luz doirada!  
E então, sabeis o quanto é desgraçada  
A dor sem causa! nunca mais se alegra;

“Faz-se o deserto dentro aqui, profundo,  
Onde flutua o coração sem norte;  
Em torno, outro deserto, em todo o mundo,  
Por onde, como um vivo com sua morte.

“Passa-se; e como fúnebre corrente  
Rolando ao mar a onda solitária,  
De eternidade humilde tributária,  
O frio da velhice se presente,

“E que tudo há passado, e nada falta,  
Ou é o mesmo... porque quando goza  
Do repouso o mortal, se ele repousa,

Logo a implacável voz o sobressalta!

“Mas, ao sem rumo delirar dos passos  
Em que, mau grado seu, lá vai descendo,  
Afeiçoa-se em fim, ama os espaços  
Como a nuvem de outono os percorrendo

.....

Será pela leviana, quão formosa  
Do amor e da discórdia estrela, entrando  
No céu, que se alvorota a harmoniosa  
Ordem dos astros, que me esta turbando?...

“E com tácito horror que à noite mádida  
Contempla-se esta morta, pólos poros  
A vida transudando em lindos, louros  
Vermes, em que se transfigura esquálida —

“Sublimes Prometeus encadeados  
Num trono de rochedo, ao largo olhando,  
E o pensamento em vôos desvairados  
Glórias vãs da existência reclamando!

“E eu também nasci, e enquanto queres,  
Meu negro fio tece — ai! desconcerta  
Teu manto vivo, que se andraja e esperta  
Neste mistério eterno! — *reverteris*.

“Lei dolorosa — Terra! terra! fora  
Tua esta divindade: mas te vejo,  
Brinco das mãos de um sol, que em mudo beijo  
No teu berço de sombras te devora;

“E a mosca, o sábio, a virgem planta altiva,  
Servindo nas delícias execradas,  
Ô terra! umbroso e único conviva,  
Do banquete infinito! Degradadas

“São tuas criações: quando as consumes,  
Nesse leu desespero revolvida  
Como no próprio seio a fartar fomes,  
Dize, não sentes fundo a dor da vida? —



“Mas, esqueço; me perco em meus pensares,  
E eu não posso parar: a voz *me* brada  
— Não é aí tua pálida pousada! —  
De toda a parte, de através dos mares,

“De através dos desertos. E que importa  
A Ashavero acenar, negro de poeira,  
Que suspirando passa e não aporta,  
A rama de pacífica oliveira,

“Correr a fonte límpida? Entretanto,  
Quero ainda, Senhor, ver sobre a terra  
Os sóis que acompanhavam-me na serra,  
Que eu já subi, que já *subimos* tanto! —

“E gotejam as lágrimas profundas,  
Também a noite chora —

.....

Que amanheça!  
Perfez-se da diabólica cabeça  
A rotação sombria: as sombras mudas

“Movem-se nesse embalo flutuoso  
De seus mantos etéreos. Belas brisas!  
Assim se expande de inocência e gozo  
O céu nascente de umas faces lisas.”

## CANTO SEGUNDO

### I

Os céus se opalam; em clarões de prata  
Beatifica luz pelo ar mimoso  
Dos nimbos d'alva exala-se, tão grata  
Acariciando o coração gostoso!

Oh! doce enlevo! oh! Bem-aventurança!  
Paradiseas manhãs, riso dos céus!  
Inocência do amor e da esperança  
Da natureza estremecida em Deus!

Visão celeste! angélica encarnada

Co'a nitente umidez d'ombros de leite,  
Onde encontra o amor brando deleite  
E da infância do tempo a hora foi nada!

A claridade aumenta, a onda desliza,  
Cintila com o mais puro luzimento;  
De púrpura, de ouro a coroa se matiza  
Do tropical formoso firmamento.

Qual um vaso de tina porcelana  
Que de através o sol alumiasse,  
Qual os relevos de pintura indiana  
É o oriente do dia quando nasce.

Uma por uma todas se apagaram  
As estrelas, tamanhas e tão vivas,  
Como olhos que languidas cativas  
Mal nutridas de amores abaixaram.

Aclaram-se as encostas viridantes  
A espreguiçar-se a palma soberana,  
Remonta a Deus a vida, à origem dantes,  
Amiga e matinal, donde dimana.

Acorda a terra; as flores da alegria  
Abrem, fazem do leito de seus ramos  
Sua glória infantil; aleion em clamor  
Passa cantando sobre o cedro ao dia

Lindas loas boiantes; o selvagem  
Cala-se, evoca d'outro tempo um sonho,  
E curva a fronte... Deus, como é tristonho  
Seu vulto sem porvir em pé na margem!

Talvez a amante, a filha haja descido,  
Como esse tronco, para sempre o rio.  
Ele abana a cabeça co'o sombrio  
Riso do astro da noite entristecido.

## II

Vagas eternas, se escondeis no seio  
Alguma cousa que, de mim, procure  
Neste afã solitário e obscuro,  
Embalançai, adormecei — já creio...

Dante o nauta a partida na alvorada,  
Retina à amarra o cabrestante opresso,  
Rujam chamas fornalhas abrasadas,  
Erga-se e trema o carro do progresso!

E como o corvo taciturno voa  
Atravessando o rio sobre o vento,  
O vapor formigando num momento  
Lente à riba direita alveja a proa.

Caminha ousado nas vermelhas rodas  
Que espanejam ao longe: aos sons ruidentes,  
Saem da brenha as alterosas bordas  
E ficam olhando os Índios inocentes.

Já encobriu-se na primeira volta  
O balcão ideal, onde suas fronteas  
Duas nações debruçam: não são montes,  
É Tabatinga que o Império escolta.

Presídio imaginário! tais aurora  
Miragens pinta por um céu de amores.  
Da terra, que se afasta e que descora,  
Ao movimento s'encobriu co'as flores.

Desço a corrente mais profunda e larga  
Que se há visto rasgar de pranto a face  
Da terra de misérias; outra nasce  
Na dor dos homens, porém negra, amarga:

Quando, voltando dos festins culpados  
A alma vã, prostituta arrependida,  
Sá traços da fortuna que é partida  
São, dos olhos que choram, encontrados;

Ou quando a que nasceu para ser nossa  
Vemos em braços d'outrem delirando;  
Ou meiga pátria, esperançosa e moça,  
De seu túmulo as bordas soluçando.

Gela na cordilheira, hartas costelas  
Descarnam as ribas, a corrente a foi ta  
Chamaloteia em ondas ledas, belas,

Amplas de sombras largas. Sobre a moita,

Nestas noites alvíssimas de estio,  
Felizes nos desertos, encostada  
A montaria do Índio abandonada  
Na indolência cantando desce o rio.

Esta é a região das belas aves,  
Da borboleta azul, dos reluzentes  
Insetos d'ouro, e as cantilenas suaves  
Das tardes de verão mornas e olentes;

A região formosa dos amores  
D'araçaranca flor, por quem doudeia,  
Fulge ao sol o rubi dos beija-flores,  
E ao perfumado luar a ema vagueia.

### III

Ao longe as praias de cristal se espaçam,  
Vibrando a luz, e os bosques se emaranham,  
Cabeleiras do vento que se assanham;  
As feitorias os seus tetos traçam.

São muitos arraiais, nações diversas,  
São filhos do ócio, que ora despertaram  
Na ambição varia. (As multidões dispersas  
Do arrau medroso as águas se arrojaram.)

E volvem tumultuosas as areias,  
Esquadrinham, revolvem e amontoam,  
Com a sede dos que da terra as veias  
De suor não regam, vozes não entoam

Na sossegada lavra, esperançosas  
Tangendo o boi do arado. O povo infante  
O coração ao estupro abre ignorante  
Como as leis dos Cristãos as mais formosas.

Mas o egoísmo, a indiferença estendem  
As eras do gentio; e dos passados  
Perdendo a origem cara estes coitados,  
Restos de um mundo, os dias tristes rendem.

Quanta degradação! Razão tiveram

Vendo, os filhos de Roma, todos bárbaros  
Os que na pátria os olhos não ergueram,  
Nem marcharam à sombra de seus lábaros.

O estrangeiro passa: que lhe importa  
A magnólia murchar, se ele carece  
Tão só de algumas flores? Anoitece  
Num sono aflito a natureza morta!

Julgai do que dois séculos embrutecem--  
E lá estão a dançar (que a mais não podem;  
Porque lhes nasce o sol, porque lhes sobem  
Puros raios nas veias — me entristecem.

Que mentirosos gênios predestinam,  
Deus clemente!... estes quadros do Amazonas,  
Tanta miséria ao filho destas zonas  
Onde em salmos as aves matutinam!

\*\*\*

Mas, que danças! não são mais as da guerra,  
Sacras danças dos fortes, rodeando  
A fogueira que estala, e recitando  
Os hinos da Vitória que inda aterra:

Quando os olhos altivos lhe não choram  
Ao prisioneiro emudecido aos gritos  
Do vencedor, que insulta seus avitos  
Manes que para além das Serras foram.

A voz das fontes celebrava amores,  
As aves em fagueira direção  
Alevantando os vôos, trovadores  
Cantavam a partir o coração!

Crepitante cauim girava ardente  
E na glória os guerreiros deliravam,  
Solene e vasto o circule cadente  
Onde valor os chefes assopravam

No sacro fumo, rebramando o espaço —  
Oh, como eram selvagens esses gritos  
Lá no meio da noite dos recitos,

Sombrio a balançar pendente o braço!

Selvagens — mas tão belos, que se sente  
Um bárbaro prazer nessa memória  
Dos grandes tempos, recordando a história  
Dos formosos guerreiros reluzentes:

— Em cruentos festins, na varia testa  
Ou leda caça no romper da aurora,  
E à voz profunda que a ribeira chora  
Enlanguescer, dormir saudosa sesta — -

Selvagens, sim; porém tendo uma crença,  
De erros ou boa, acreditando nela:  
Hoje se riem com fatal descrença  
E a luz apagam de tupana-estrela.

#### IV

Destino das nações! um povo erguido  
Dos virgens seios desta natureza,  
Antes de haver coberto da nudeza  
O cinto e o coração, foi destruído:

E nem pelos combates tão feridos  
Ou sanguinárias, bárbaras usanças;  
Por esta religião falsa d'esperanças  
Nos apóstolos seus, falsos, mentidos.

Ai! vinde ver a transição dolente  
Do passado ao porvir, neste presente!  
Vinde ver do Amazonas o tesouro,  
A onda vasta, os grandes vales de ouro!

Imensa solidão vedada ao mundo,  
Nas chamas do equador, longe da luz!  
Donde fugiu o tabernáculo imundo,  
Mas onde inda não abre o braço a cruz!

.....

Vejo, opresso de um mau pressentimento,  
A lanterna, os quatro olhos à noitinha  
Fazendo esgares fúnebres, sozinha  
Da verga a olhar e a se mover com o vento,

Olá! que apaguem! temos belos astros  
Que os caminhos alvejam sobre o rio,  
É vigilante o pratico gentio,  
E falam rodas pela luz dos mastros!

Abalroam a noite sonora  
Longas vozes, ondeando nas soidões;  
Ressoa a margem taciturna, umbrosa  
De alvoradas cantadas nos serões.

Amava o Guesa Errante esses cantares  
Longínquos a desoras nas aldeias,  
Se aproximava, triste, dos lugares  
Tão saudosos — “Saltemos rias areias...

“Porém, que é isto?! Peste! que descoras,  
Corrompes d'alma o instinto, que os perfumes  
Alegram, divinizam sobre os cumes  
Das trescalantes flores destas horas! —

“E eu vi, longe daqui, a morte o seio  
Da família feliz despedaçando,  
Rotos os laços do mais puro enleio,  
E a virtude, a beleza soluçando.

“O silêncio caiu, fez-se a tapera  
Na Concórdia dos cantos e os amores —  
Magalhães, Magalhães, na primavera.  
Partiste - e em teus jardins já murcham flores...”

## V

Na inata de mil anos o crescente,  
Como errante caipora que divaga  
Pelas sombras dos troncos, docemente  
Seus infantes clarões recolhe e apaga.

Ardem os fogos no areal de milhas  
E ondulam nos ares, espalhados  
Por entre acervos d'ovos, e as vasilhas  
Em que aos raios do sol são depurados.

Vão vem os caboclos vagabundos,  
Bêbados riem-se diante das fogueiras

Ou balançam-se em lúbricas maqueras  
Nestes odores podres-nauseabundos.

Penetremos aqui nesta barraca —  
Da candeia d'argila uma luz morta  
Través da nuvem de poeira opaca  
As claridades lôbregas aborta.

Ora o Guesa, que sempre se sentia  
Revestido do *signo*, e sem do insano  
Zenon ser filho, então lhe acontecia,  
Deixar o manto etéreo e ser humano.

Ele atendeu. Mas, breve, lobrigando  
Das armas e do altar a melhor gente,  
Foi levado da elétrica corrente,  
Flor de lótus ante ela relutando —

E la perdeu-se no pegão-pampeiro  
Quando os Índios mais vários doidejavam,  
E este canto verídico e grosseiro  
Em toada monótona alternavam:

(*Muxurana*)

“os primeiros fizeram  
As escravas de nos,  
Nossas filhas roubavam,  
Logravam  
E vendiam após.

(*Tecuna*)

“Carimbavam-lhe as faces  
Bocetadas em flor,  
Altos seios carnudos,  
Pontudos,  
Onde há sestras de amor.

(*Mura*)

“Por gentil mocetona  
El-rei dava *pro-rata*,  
Ou a saia de chita



Bonita  
Ou o valor em prata.

(*Tupinambá.*)

“Currupiras os cansem  
Nos caminhos abertos,  
Parintins orelhudos,  
Trombudos,  
Foi horror dos desertos!

(*Coro dos índios*)

“Mas os tempos mudaram,  
Não se anda mais nu:  
Hoje o padre que folga,  
Que empolga,  
Vem conosco ao tatu.”

Do agudo ao grave o *memichio* destoa  
Com frei Netuno entrando ventania;  
E, macaca veloz, Macu-Sofia,  
Medindo-lhe o capuz, de um salto voa:

E lá vão! e lá vão! Pernas e braços  
A *revirar* Macu, que solavancos  
Que o frade leva aos trancos e barrancos  
Entre aplausos gerais, palmas, fracassos!

Olhem o o vigário! a face da Tecuna  
Com suas mãos carinhosas afagando: —  
Oh! como a vestia santa ruge enfuna  
Na evolução lasciva desfraldando!

Uma torceu o pé e esta sentada  
Junto à candeia, e canta o seu profeta;  
Outra enlaça-se ao Guesa, arrebatada  
Em cintilantes voltas como a seta.

(*Frei Netuno entrando*)

“*Introibo*, senhoras,  
Templos meus, minhas flores!  
São-vos olhos quebrados,

Danados  
Nesta noite de amores!

*(Padre Celso respondendo)*

*Indorum libertate*  
Salva, ferva o cauim,  
Que nas veias titila,  
Cintila  
No prazer do festim!

*(Coro das índias)*

“Teçamos a grinalda  
As cabeças de lua!  
— Oaca! iaci-tatá,  
Irá-tatá —  
Glórias da carne crua

*(Velho Umaua)*

“Senhor padre coroadado,  
Faça roda com todas:  
A catinga já fede,  
Já pede —  
Suçuaranas 'stão doudas!

*(Frei Netuno)*

“Quero o fogo assanhado  
Das Índias sem-vergonhas,  
Que não coram de pejo  
Num beijo  
Nem nas danças medonhas!

*(Padre Celso respondendo)*

“Amo a baba risonha  
Da formosa loucura,  
Mais que o sangue que trava,  
Que lava  
Plúmbeo pé de gordura.

(*A que torce o pé*)

“Geme em Venezuela  
Alexandre-Sumé;  
Voz dos ermos andando,  
Ensinando;  
Era um canto de fé.

(*Novo coro enternecendo*)

“Nos rochedos ululam  
Na sãção dos cajus  
Amazonas — fagueiros  
Guerreiros  
Vão pintados e nus...

(*Guesa*)

“Eu nasci no deserto,  
Sob o sol do equador:  
As saudades do mundo,  
Do mundo —  
(*Rodando.*) Diabos levem a dor!”

.....  
Das guardas nacionais os comandantes,  
O nobre escravocrata, que é barão,  
E os poetas do amor, mimos de amantes,  
Ali rendiam preitos à função.

Abria asas o juiz do Sorimaua  
As donzelinhas não *apresentadas*:  
Como pois, ao sinal que deu Tuchaua,  
A amor fugirem tão amedrontadas!

Da fora um promotor republicano  
Vil caissuma aos mutuns e jacamins,  
Que se elevam gritando num insano  
Desnorteado saltar, mas nobres fins. —

E a multidão apinha-se ao entorno  
Amostrando as cabeças nos ubis,  
Range abalado o fumarento forno,

A algazarra infernal toca os zênites!

*(Velho Umaua)*

“Graciosas potiras,  
Fujam Jurupari  
Tão malino! suas festas  
São estas  
E preside ao hurari.

*(Vatk D’egas)*

“Pai Humboldt o bebe  
Com piedoso sorrir;  
Mas, se ervada taquara  
Dispara,  
Cai tremendo o tapir.

*(Políticos)*

*(Fora.)* “Viva, povo, a república  
De Colombo feliz!  
*(Dentro.)* Cadelinha querida,  
Rendida,  
Sou monarca-juiz!...

*(Um delegado em cisma)*

“Reina a paz em Varsóvia;  
Mas, se a guerra chegar,  
Recrutamos arraus,  
Pica-paus,  
Quando a luz se apagar...

“Há de o mundo curvar-se  
Ante a trina razão:  
— Sol fecundo p'r'as palmas,  
P'r'as almas  
Jesus-Cristo e Platão —

*(Major Jônatas)*

“Ora acácias recendam,  
Meia noite dormente!

Grita o galo da serra,  
Lá berra  
Sapo-boi na corrente!

*(Mundrucu)*

“Coitadinha Banlua,  
Novo catus de amor,  
Chora aos brados da festa  
Molesta  
Seu noivado de dor.

*(Baniua)*

“Lá na foz do Madeira  
Os velinhos são réus,  
Toda a taba cantando,  
Dançando  
E alvejando troféus...

*(Coro das cabeças)*

“Escanchada nos galhos  
A Macu dorme agora,  
Porque os sonhos das flores  
Amores  
Lhe despertem na aurora.

*(Umaca a grandes brados)*

“Sonhos, flores ou frutos,  
Gamas do urucari —  
Já se fez cai-à-ré,  
Jacaré —  
Viva Jurupari!...”

.....

Canicular delírio! paroxismos  
Do amazôneo sarau! — pulavam, suavam,  
Na cintura fantástica brandiavarn  
Como à magnetização ante os abismos!

E se contorce o Sátiro e se alteia

Com tangeres finais, na índia avena  
Carpindo a se finar, e dança e acena  
De amor, vampiro em volta da candeia:

Dissolução do interne em movimento!  
Como as fozes, mugindo as águas belas,  
Volvem-se em laivas negras e amarelas,  
Despojos de onça. Foi um só momento:

“Viva Jurupari” Tem-se apagado  
A luz, e fez-se a treva. Então se escuta,  
No volume da sombra em que se oculta,  
Gemer, fungar o escândalo espojado.

Porque a voz ao amor esta sujeita,  
E é lei por uso do *tatuturema*  
Que, onde pôs-se a mão, a presa feita,  
Ninguém se fuja nu se conheça ou tema.

Então - então praticam-se do incesto  
Os mais lionílios, mais brutais horrores!  
Como a repercussão no império infesto  
Dos da Corte *antropófagos* amores. —

Quebre-se a corda que tais sons feriu.  
— E deixo o meu assunto depravado:  
Que me desculpem o triste recitado  
Do que as bordas-se vê do grande rio.

## VI

Os derradeiros fogos do ocidente  
Jorram laminas d'ouro sobre a massa  
Da viva treva, líquida, luzente —  
O Rio-negro sussurrando passa.

Em luzeiros rebenta o espuma errante  
Qual moitas de rubis por sobre as cristas  
Negras da vaga trêmula, oscilante,  
Vistoso canitar de mil conquistas.

É meigo e doce o olhar, meiga a saudade  
Que, do trono de sombras vaporosas  
Dos altos montes e as etéreas rosas,  
Contemplativa nos despede a tarde.

De colina em colina a cachoeira,  
Como serpente de coral ruidosa  
Desce ao vale, onde a tribo já repousa  
Livre em seios de mãe hospitaleira.

As filhas de Manaus seus membros leves  
Na onda estão, convulsos, bronzeados  
À luz violácea dos crepúsculos breves,  
Ondulando com os peixes esmaltados:

Ledas lá vão batendo em roda a vaga  
E cantando em seus jogos inocentes.  
— Dançaram à flor da abençoada plaga;  
Voltaram as choças da montanha ausentes.

Oh! como as noites de Manaus são tristes  
As cismas na soidão dos infelizes!  
Quando tu, esperança, não existes  
Com teu belo horizonte de matizes,

Saudade minha... — Estão pela ribeira  
Densa os Índios fogueiras acendendo;  
Ruge ao lado, dos grêmios da palmeira  
A rã selvagem, maracá tremendo

Das mãos d'ignoto piaga ali detido  
Ante os destinos de sua tribo, extinta  
Ao contato do egoísmo, com o gemido  
Que o inocente geme, e a dor lhe pinta.

## VII

Não é a cobra, que descendo estronda,  
Ou da água o gênio, que do Solimões  
Para o Branco dirija-se, suas ondas  
Percorrendo — pavor dos corações —

Falam do rio... como voz das chamas  
De uns lábios, que beijar sua pátria areia  
Vem a desoras... cândida sereia,  
Quão formosas memórias não reclamas!

Talvez de Ajuricaba a sombra amada

Que vem deixando os túmulos do rio,  
Nas endechas da vaga soluçada  
Gemer ao vento dos desertos frio:

Onça exata, erma planta do terreiro,  
Que inda acorda a bater os arredores  
Ao repouso da noite do guerreiro,  
Noite donde não mais surgem albores.

Talvez Lobo-de-Almada, o virtuoso  
Cidadão, que esta pátria tanto amara,  
A chorar, das relíquias vergonhoso  
Que a ingratidão as trevas dispersara:

Foi a queda do cedro da floresta  
Que faz nos céus o vácuo para as aves,  
Que não encontram na folhagem mesta  
Dos perfumes os ninhos inefáveis. —

Ouçamos... o fervor de estranha prece  
Que no silêncio a natureza imita  
De nossos e orações... aquém palpita,  
Além suspira, e no amor floresce...

Porque eu venho, do mundo fugitivo,  
No deserto escutar a voz da terra:  
— E o sou como este lírio, triste, esquivo,  
Como esta brisa que nos ares erra.



# POESIAS DIVERSAS

## CRESCENTE

*Grata estação dos amores,  
Abrigo dos que o não tem.*

G. Dias

Doce brisa suspirando,  
Tremem os seios do horizonte;  
Pela alva noite cantando  
Acordam, de quando em quando,  
As aves, de monte em monte.

Noiva de tantos amores,  
Que tens tão límpido véu!  
Abre-o por estes pendores  
Recamados de verdores  
Fulgindo orvalhos do céu,  
Noiva de tantos amores,  
Que tens tão límpido véu!

À luz tua adamantina  
Se entenece o coração  
Da virgem, que inda menina  
Para os amores se inclina  
Por inocente afeição:  
E das sombras do arvoredado  
Realça o violão do amante;

Aprende a noite o segredo,  
Que mal entendera a medo,  
Suspirando a bela infante.  
E das sombras do arvoredado  
Realça o violão do amante.  
Lá do teu nimbo azulado  
Nos mansos ares velando,  
Como um pensamento alado  
Na imensidade arrojado,  
Os pés do Trono beijando,

Tu nos desertos conduzes  
A leda tropa a cantar

Por que noites! Com que luzes  
De imagens tu não seduzes  
Meigo o perdido a cismar!  
Tu nos desertos conduzes  
A leda tropa a cantar.

Com teus nitentes candores,  
Alva açucena do céu,  
Enfeitiçando-se as flores  
Puras nos sonhos de olores,  
Vestem teu límpido véu;

E com a branda claridade  
Pendida a fronte se eleva;  
Teus raios fazem saudade,  
Íntima e doce a amizade,  
Linda de enlevos a treva.  
E com a branda claridade  
Pendida a fronte se eleva.

Sobre a prata da corrente,  
Concha encantada domar,  
Teu semblante transparente  
Vai da pátria o que anda ausente  
Mui saudoso contemplai:  
Nos espelhos refletidos,  
Da luz no imenso fulgor,  
Torna a ver dos céus perdidos  
Us grandes astros luzidos  
Dos grandes dias do amor;  
Nos espelhos refletidos,  
Da luz no imenso fulgor.

Bela coroa, astro fagueiro,  
Deusa da alma atribulada,  
Voa aos braços do cruzeiro,  
Solto o manto dos luzeiros i  
De setembro, ó doce amada!

Eu aprendi a adorar-te  
Das águas no isolamento,  
A querer-te, a namorar-te,  
A ter ciúmes de Marte,  
Que eu vejo neste momento —

Como aprendi a adorar-te  
Das águas no isolamento!

### LILIUM CONVALLIUM

*Tem mel no aroma, dor*  
*Na cor.*  
*O lírio.*  
GARRKT

Deus! como é bela esta terra!  
Que saudade nos cantores!  
Que de aromas nos vapores  
Dentre o crepúsculo e o luar!  
Que sentir tão delicioso  
Neste enlevo de pureza —  
Nos seios da natureza  
Tão alvo lírio a brilhar!

Inocente dos amores,  
Meiga flor; cândido lírio,  
Que tão piedoso martírio  
Levantas no coração:  
Porque na alvura sem mancha,  
Nesta infantina alegria,  
Por feiticeira harmonia  
Inspiras tu compaixão?

Ai! açucena dos campos,  
Doce afagada menina  
Tão contente d atua sina,  
Tão longe e alheia do mal,  
Porque? - Mimosa dos risos,  
És semelhante ao suspiro,  
Que se perde no retiro  
Como te inclinas no val.

### AVE-MARIA

— *'t is the hour of love!*  
BTKON

Enamorado enlevo  
Da saudade maviosa difundida  
Na solidão dos montes,  
Na palidez morena enternecida  
Dos ermos horizontes!

Emudecendo aquieta-se  
A menina, interrompe os seus brinquedos,  
Quando na ermida escuta  
*D'ave-Maria* os sons piedoso-ledos  
Com que a campa nuta.

E, lírio perfumado.  
As mãozinhas juntando à face bela,  
Religiosa a inclina,  
Enlevados os olhos para a estrela,  
Sua imagem divina...

Tremem-lhe os puros lábios  
Na prece virginal - ouve-a, me o Deus!  
Porque ela é sozinha  
Na terra, porque são os mimos teus  
A cândida orfãzinha.

Com risonha meiguice  
Esta contente, qual se Deus a ouvira;  
Beija a materna mão,  
Retouça no ombro amado, olha, suspira  
Olhando a solidão.

Crepúsculo sombrio,  
Da natureza alma contemplada  
Nos espelhos dos mares.  
No semblante da virgem namorada  
Prolongando os olhares.

## CARMEN

*Nons voguions en silence.*

LAMARTINK

.....

E pois que me ouves, cala

A tanta dor amarga,  
Que prende, morde e larga  
Nossa alma no deserto.  
Aqui, perdido, incerto,  
A vida se me exala  
Como este mar, que estala  
Na proa do escaler:  
Mas, como as ondas correm.  
Se os dias vão-se e morrem,  
Escuta e crê, mulher:

Não choro as lindas luas  
Do Rio-de-Janeiro  
Nas sombras alvas, nuas  
Nos vales e no outeiro...  
Oh! como eram suaves  
Ali nas espessuras  
O doce amor das aves,  
A flor das ervas puras,  
E o vento os meus cabelos  
Volvendo aos vôos belos!

Um dia em Guanabara  
Cismando, em meu rochedo,  
A noite muito cedo  
Em mim se repassara...  
Oh! meus amores!... Quando  
As luzes cintilando  
Vieram do nascente,  
Em vão, passasse a gente,  
Que a sombra não achara.

Deixei as minhas rosas  
E as praias arenosas,  
Té hoje por aqui —  
E lembram-me essas cousas,  
Como alvas mariposas  
Voassem dentro em mi.

### **FLOR DAS RUÍNAS**

Eram as tristes ruínas  
De uma cidade deserta

E um a rosa branca, branca  
Nessas ruínas aberta.  
O cansado viandante  
Parava no fim do dia,  
Em torno olhava os destroços,  
E a flor olhando, dizia:

“Sempre cresceis nestes climas,  
Anjos da benção dos céus,  
Que luzes suis na agonia,  
Risos no exílio dos réus.

- “Sois as belas peregrinas  
Visões de sombrio olhar,  
Cuja fronte se ilumina  
Como as espumas do mar;

“Cujos cabelos escuros  
Ondulados na alva mão  
Cintilas vibram de luzes  
Como os raios do verão.

“Habitante enamorada  
Destes ermos a alvejar,  
Deixa que eu vá meu caminho  
Enquanto aclara o luar.

“ — E fugir não sei do encanto,  
Das alvas sombras da flor —  
Túmulos meus, tão formosos!  
Mortas, que matam de amor!

“Quem deu-vos, flor dolorosa,  
Falar assim de paixão  
Nessa magia do gelo,  
Co' a frieza e a sedução?

“Nessa *implacável* brancura,  
Que à mente o siso arrebatá,  
Que amor inspira e condena,  
Que é Deus, que cria e que mata?!”

Porém, longe o viandante,  
Se inda a flor das ruínas vê,

De, amor tamanho delira,  
Que já perdido se crê.

Pois como a cinza alvejante  
No seio a brasa sepulta,  
E como dentro das sombras  
O lume eterno se oculta,  
São da *imagem*, que encerramos  
Na alma, a alvura da flor  
E as sombras, que se derramam  
Dos olhos cheios de amor.

### MARIA

Onde foram os encantos divinos,  
Onde a crença de eterna magia,  
Fonte meiga da luz e dos hinos,  
Onde estas? onde foste, Maria?

Tens a fronte que tinhas na infância,  
Pura e branca, inda toda harmonia:  
Mas, da bela inocência a fragrância...  
Onde estas? onde foste, Maria?

Ter em ti eu pensava encontrado  
Meu sublime ideal da poesia;  
Encontrei a mulher em seu fado —  
Onde estas? onde foste, Maria?

Se hoje choro, aos que estavam descentes  
Já mostrei meu amor na alegria:  
Terno orgulho dos dias contentes,  
Onde estas? onde foste, Maria?

Onde foste? onde foste? — procuro  
O que na alma cantando te ouvia,  
E já temo de ouvir-te — e murmura:  
Onde estas? onde foste, Maria?

Onde foram os divinos encantos,  
Onde o mundo em que eu dantes vivia?  
Porque a fonte do riso é dos prantos?  
Onde estas? onde foste, Maria?

## DONDE VENS?

*Glória dos olhos, dor dos e orações.*

LUSÍADAS

Donde vens, triste formosa,  
Que eu vejo sempre a me olhar?  
Eu amei outrora... uns olhos  
Que assim paravam a amar...  
Volta a quem deste os incantos,  
Que eu volto as ondas do mar.  
— Choras? — tem, oh Deus, piedade  
Desta mulher a chorar!

Como estas! onde perdeste  
Os mimos de tanto amor?  
Em sonhos eu te tomara  
Por uma estátua da dor.  
Tinhas mais brilho e mais graças  
E mais perfumes que a flor:  
— Quem desbotou-te estas rosas?  
Quem consumiu-te o fulgor?

Eu chorei, quando te rias;  
Choras hoje, e não me rio...  
Para esquecer-te eu voava  
Aos golfos do mar sombrio!  
Todos me viram — passando  
Solitário como o rio,  
Como o vento quando geme  
Pelas roseiras do estio!

Tudo em vão! Tinha os teus olhos  
Aqui nas chagas da dor!  
Tinha-os n'alma, onde raiavam  
Como um sol abrasador!  
Me fascinavam no abismo  
De vivo negro esplendor,  
Vibravam sobre os meus dias  
Raios do inferno e do amor!

Longa foi-me a vida, longa,  
Enquanto a morte eu busquei.  
Depois, mudando o destino,



U m céu na terra encontrei,  
Onde rostos peregrinos,  
E, sem ser escravo, amei.  
— Se então chorando me viram...  
Pranto de amores chorei.

## TARDES NA ILHA

*A terra conheceis?  
Onde as dores estão sempre brotando,  
Onde como as suas rosas da grinalda  
São tão doces as virgens, onde tudo,  
Salvo o espírito do homem, é divino?  
É a terra do Sol.*  
BYRON

Cantam vozes d'entorno da ilha  
Aos rumores do mar a quebrar-se;  
Vão-se as mães acercando da filha  
Linda e nua na praia a banhar-se...

Nas janelas, ao longe alvejantes  
Já s'encurvam, s'enlaçam, se alteiam  
De alvos cisnes os olhos brilhantes,  
O olhar negro, os cabelos que ondeiam.

E com as sombras da tarde saudosas  
Mais langores dos olhos derramam,  
Mais inumem-se os seios de rosas,  
Mais as rosas dos seios s'inflamam.

Nesta ilha à quimera dos sonhos  
Quem sua vida passai não sentiu,  
Se a menina dos olhos risonhos,  
Gomo a aurora corando, fugiu?

Quem há que na lira de Apolo,  
Na áurea pátria do vento e da luz,  
Lhe não teça grinaldas ao colo  
Da ave-amor, que a serpente seduz?

São da tarde madeixas a brisa,  
Que se enleia aos perfumes da flor,

Como a presa que ri-se e desliza  
Dentre os braços do terno amador.

Cai a noite. As estrelas doiradas  
Geme o piano com um doce gemer,  
Cordas d'alma à mãozinha de fadas  
Como sobre um destino a correr.

Abrem flores, quais sonhos, recendem  
Se inclinando e sorrindo no ar,  
Como virgens que a amores se rendem  
Por seráfico e belo luar.

E quem há que da lua aos enlevos  
Nesta ilha não sinta de amor  
Alma a abrir-se, ou pesares mais sevos  
A romperem-lhe as chagas da dor?

Cantam nautas no seio das vagas,  
Rumorejam as brisas na flor,  
Gira a voz de harmonias tão magas —  
Oh! quem há que o não sinta de amor?

### **MADemoiselle**

*Rien de plus beau que Paris!*

PROVÉRBIo

Fujamos, vida e luz, riso da minha terra,  
Sol do levante meu, lírio da negra serra,  
Doce imagem de azuis brandos formosos olhos  
Dos róseos mares vinda à plaga dos abrolhos  
Muita esperança trazer, muita consolação!  
Virgem, do undoso Sena à margem vicejante  
Crescendo qual violeta, amando qual errante  
Formosa borboleta às flores da estação!

Partamos para Auteuil, é lá que vivo agora;  
Vê como o dia é belo! ali há sempre aurora  
Nas selvas, denso umbror dos bosques de Bolonha.  
- Ouve estrondar Paris! Paris delira e sonha  
O que realiza lá voluptuar de amor -  
Lá onde dorme a noite, acorda a natureza,  
Reluz a flor na calma e os hinos da devesa

Ecoam dentro d'alma ais de pungido ardor.

Aos jogos nunca foste, às águas de Versailles?  
Vamos lá hoje!... ali, palácios e convalles  
Do rei Luís-catorze alembam grande corte:  
Maria Antonieta ali previa a sorte  
Dos seus cabelos d'ouro em ondas na bérghère. -  
Tu contarás, voltando...inventa muita coisa,  
Prazer de velhos pais, - o que viste a bela esposa  
Das feras! com chacais dançando Lá Barrère!

Oh! vamos, meu amor! costuras abandona;  
Deixa por hoje o hotel, que eu... deixo a Sorbona -  
E fugitivos, do ar contentes passarinhos,  
Perdidos pela sombra e a moita dos caminhos  
Até a verde em flor vila Montmorency!  
De lá, és minha prima andando séria e grave;  
Entramos no portão: eu dou-te a minha chave  
E sobes, meu condão, ao quarto alvo e joli!

Hesitas? ou, senão, sigamos outra via;  
Do trem que vai partir a válvula assobia,  
O povo se acumula, aqui ninguém a ver-nos:  
Fujamos para o céu! que fosse p'ros infernos  
Contigo... - "oui" -. Não deixes estar teu colo nu!  
Há gente no vagon... sou fúria de ciúme -  
Desdobra o véu no rosto... olhos com tanto lume... -  
Corria o mês de agosto; entramos em Saint-Cloud.

## DESERTO

*Na balança de ouro dos destinos o dia  
fatal de Hector pendeu para os infernos,  
e Febo-Apolo o abandonou.*

ILÍADA

Se és, ó beija-flor,  
O gênio dos lugares  
Por onde amei de amor —  
Voa aos mimosos ares!

Deus salve! as brisas belas  
Somente hoje ficaram,

E as flores amarelas  
Que o leito nos formaram:

E as calmas do deserto,  
E a triste solidão,  
Onde de dor aberto  
Sente-se o coração.

Estavam ali as testas  
E a voz do meu amor;  
Agora as mudas sestras  
De um sol desolador.

A alma o pressentia  
Quando, na luz brilhante,  
A fronte entristecia  
Ao doce olhar da amante:

Porque meiga tristeza  
Esta no amor profundo,  
Na luz da natureza,  
No florescer do mundo.

Oh! não desprezes nunca  
As ruínas do passado!  
— Esta corrente adunca,  
Este casai deixado,

Onde o vago rumor,  
Onde as saudades choram,  
Já o paraíso foram,  
Foram o primeiro amor.

### **LEILA**

Eu adoro amenina em verdes anos,  
Na gentil primavera dos amores,  
Boiando os doces olhos soberanos  
Da limpidez da vida nos albores.

Oh! formosa estação da flor que aponta!  
Seios que nascem! coração que acorda!  
— Das liras de esmeralda afina a corda

A poesia da luz, que à luz remonta!

Ela tinha dez anos, e tem treze;  
É mais sisuda e grave em seus amores;  
Adoro-a quando brinca, e que me pese,  
Se ela das outras some-se entre flores...

“Ó Leila! Leila!” as companheiras gritam,  
E ela volta a correr; e espantadiça,  
Arde-lhe a face, os seios lhe palpitam,  
E os desejos mais bela ateia, atiça!

Erra Leila os brinquedos; se se esconde,  
Retarda-se nas moitas mais que todas;:  
Fica tão distraída, andando as rodas,  
Que podem a chamar, que não responde.

Recosta-se à janela, olhando a lua,  
Ou seguindo na relva as veias d'água;  
Diz que a rolinha imita a mágoa sua,  
Como se Leila já tivesse mágoa...

Tinha apenas dez anos; treze agora,  
Se ela põe-se a contar, logo entristece:  
Que no amor haja dor, mesmo na aurora,  
Sô pensar nestas cousas endoidece.

### **MORTA DE AMOR**

Eu venho visitar-te  
Aqui na sepultura...  
Rosa, que são dos dias  
De tua formosura?

Tu eras como o astro  
Fulgente das manhãs,  
A flor mais doce e linda  
Do teu jardim de irmãs.

Amores te acabaram,  
Mimos da mocidade...  
E venho hoje trazer-te  
Prantos desta saudade.

Há quanto, quanto tempo  
A terra te consome!  
E sobre ela não ouço  
Ninguém dizer teu nome...

Ai! dorme, dorme, n'alma  
Eu tenho a imagem tua;  
Da tua flor perfumes,  
Aragens desta lua!

E quando, vindo a aurora,  
Também eu descansar,  
Iremos ante os anjos  
Os pés de Deus beijar.

### CREPUSCULARES

Ao mar alto vogai, marinheiros,  
Aos abismos levai-me do mar,  
Onde, os céus apagando os luzeiros,  
Sô se escute a procela roncar!

.....

Quando o sol para os seios se inclina  
Da alva tarde, este amor, que se sente,  
Dos rochedos sombria menina  
Canta na harpa da umbrosa corrente.

Seus cabelos no ar se espalhando,  
Fundo enlevo derramam nesta hora;  
Vozes se ouvem da pátria falando —  
Na alma o pranto, o semblante descora.

Dos maiores as sombras nos passam  
Sobre os lumes da vaga sombria,  
Plúmbeas formas que sonhos nos traça m  
Do passado, onde ô tudo harmonia.

Canta o anjo dos altos rochedos  
Do crepúsculo as sombras algentes,  
Canta na harpa a saudade, os segredos

Que além morrem no umbror das correntes.

II

“Os dias formosos do amor se passaram,  
Perderam-se afetos do teu coração:  
Teus olhos, que ardentes meus lábios beijaram,  
Adeus, que os teus olhos não mais me verão!

“Nas sombras fagueiras que a tarde enamoram,  
Nos fúlgidos raios de um céu puro e meu,  
Nas vozes errantes que à noite primoram  
Sonhava o meu sonho, que foi também teu.

“Encanto de luzes... Perdida essa glória,  
Se hei tudo perdido no mundo por ti,  
Eu venho com a tarde, com a triste memória  
Dos doces encantos, dos bens que perdi.”

III

Gênio agora das noites dos astros,  
No deserto dos ventos cheguei:  
Triste coroa de murchos enastros  
Só trazendo, de tudo que amei.

Ermo e longe da esp'rança e do mundo,  
Na alma eu sinto as tormentas do amor,  
Que os vaivens do oceano profundo  
Não venceram, e mais deram-me a dor!

Fascinado da aurora nos risos,  
Meus sombrios encantos logrei...  
Os anéis dos cabelos mais lisos  
Nos meus dedos brincando quebrei.

Gênio impuro das noites dos astros,  
Ora estou como o abismo do mar,  
Tendo a coroa de murchos enastros,  
E o amor sempre n'alma a bradar!

**LIMBOS**

— *Mas, o esquecimento poderia vir  
por um destino melhor...*

PÍNDARO

No ermo dos mortos  
Quem for passeando  
E houver meditando  
De à noite parar,  
Verá que se escutam  
Trazidos nos ventos  
Os doces acentos  
De um triste penar.

Se a noite for bela,  
Se a lua for clara,  
Que a noite juncara  
De flores o chão,  
Verá, como um sonho,  
Nas luzes dos ares  
Levado aos lares  
O infante pagão.

Nos raios da lua  
Se apega o menino,  
Tão puro e franzino  
De etéreo matiz!  
Nos brandos perfumes,  
Nas camas de aragem  
Reclina a imagem  
Tristonha e feliz.

Se embala, se embala,  
Tão leve, tão leve,  
Quem berços não teve  
No colo do amor!  
Quem foi neste mundo  
Maldito da sorte,  
Nos braços da morte,  
Da vida no albor!

Compraz-se brincando  
Nos raios brilhantes  
— D o céu de diamantes  
As flores do val —  
Porém, se uma nu vem  
A lua escurece,  
Do ar se esvaece



Num grito fatal!

Seus lábios não viram:  
As meigas delícias,  
Que tem as carícias  
De uns lábios de mãe.  
Seus olhos risonhos,  
Que à noite reluzem  
De azuis, não seduzem  
Os olhos de um pai.

### RECITATIVO

Que vens a fronte com gentis desejos  
Cobrir de beijos, que não são mais teus?  
Que vens trazer ao trovador que sonha,  
Dos céus risonha, lindo amor de Deus?

Flores — as flores da querida infância —  
Sinto a fragrância dos jardins do amor!  
Troca-as, formosa, pela dos martírios  
Coroa de círios de imortal palor.  
Oh, nunca venhas acordar-me est'alma,  
Onde eras palma e sedutora luz!

Oh, antes, vem — meus sonos acalenta,  
Meu passo alerta — e ao Calvário a cruz!  
Vem! porque à noite, quando corre o pranto,  
É doce o encanto do arraiar do albor.  
Volta amanhã... se tu voltares hoje...  
Não voltes — fuge, que inda sinto amor!

### ESTÂNCIAS

Quando, ó bela saudosa, a sôs pensardes  
Que sou longe, bem longe:  
Escutai a vossa alma,  
Onde existo vereis, senhora minha.

Porém, se a medo tremem vossos lábios  
N'outros ouvidos — sim —  
Se do amor os delírios,

Nas testas da alma o coração traindo,  
Com fogo traçam nele frases místicas,  
Que só depois as dores interpretam  
Longe da esp'rança...

Ante a imaginação meus sonhos erram,  
Como no espaço as nuvens;  
E o Rio-negro num tormento ondula  
Vos levando o meu nome.

Existo — me acompanha a imagem vossa,  
E do amor esta imagem —  
Como o íris das noites eclipsado  
Na paixão solitária.

Pudesse a noite, da felicidade  
Esquecer as auroras...  
Oh! meu pressago coração pressinto,  
Eu devera esquecer-vos!

Surda, surda aos reclamos de vossa alma  
Heis de aos pés esmagar o meu retrato  
— Pálida, cm risos,  
E enlouquecer depois —  
No vazio implacável, nesse inferno  
Que sussurrando fica  
Do que passou-se, e do que ser devera.

Então é que se sente o que há de amargo,  
Senhora, em procurar-se um a alegria  
A todo preço de vivera num baile,  
Nos saraus do noivado, o pensamento  
Vem pungir! — não se envolve nos prazeres  
O coração que pende.

Então choram-se os prantos desolados  
Da perdida esperança.  
E tarde, tarde a sonhadora há visto  
Que mente o peito, que os sorrisos mentem  
À candidez dos anjos.

Guarda a crença formosa,  
A doce crença com que os nossos olhos  
Do altar dos mares riam-se as estrelas —

Com que em um dia... lembram-te essas cousas?  
Crês como outrora?...

Que não na vendam! que não haja um ouro  
Que a vá comprar!  
— Porém, que triste noite,  
Donde auroras não raiam, donde luzes  
Dentre montes de rosas e de aromas  
Já não trazem amor!

Mas, não, não há fugir-nos  
Quando o Oceano, a Natureza, o Eterno  
De tudo sabem!  
A nós nos amostraram, e nós nos vimos  
Em seus seios sonoros embalados.

### **VOAR**

Qual voa o negro corvo,  
Quisera eu livre ser,  
No seio azul do espaço  
Voar e me perder.

Voar, voar, nos ventos  
As asas estender,  
Co'as nuvens embalar-me,  
Voar e me perder.

Voar sempre, fugir-me,  
No éter me esconder,  
Fugir, fugir da terra,  
Voar e me perder.

Direito ao sol dos trópicos  
Soltar minh'alma — a arder  
Co'as chamas que a devoram  
Voar, voar, morrer.

### **SAUDADES NO PORVIR**

Eu vou com a noite  
Pálida e fria

Na penedia  
Me debruçar:  
O promontório  
De negro dorso,  
Qual nau de corso  
Se alonga ao mar.  
Dormem as horas,  
A flor somente  
Respira é sente  
Na solidão;  
A flor das rochas,  
Franzina e leve,  
Ao sopro breve  
Da viração.

Cantando o nauta  
Desdobra as velas  
Argêntas, belas  
Asas do mar;  
Branqueia a proa,  
Partindo as vagas,  
Que n'outras plagas  
Se vão quebrar.

Eu ponho os olhos  
No firmamento:  
Que isolamento,  
Oh, minha irmã!  
Apenas o astro  
Que a luz duvida,  
Promete a vida  
Para amanhã.

Naquela nuvem  
Te vejo morta:  
Meu peito corta  
Cruel sentir!  
Da lua o túmulo  
Na onda ondula,  
E o mar modula  
Como um porvir

## **SEDUÇÃO**

Vamos, ô bela, ao templo dos amores:  
A c'roa cinge; põe o véu de nu vens;  
Traja alvas sedas, reluzentes, puras,  
Como minha alma.

Vamos! que importa que entre mira e o mundo  
A noite abisme-se, onde tudo acaba?  
Que a mim d'entorno a solidão se faça  
Como ao simum?

Julgas acaso que do amor os beijos  
Dardejam raios, como o sol deserto  
Que a flor devora, consumindo a seiva  
Do coração?

Minha alma é bela como o luar formoso,  
Maga encantada, esplendida dos céus,  
Que o bruto e o homem, quanto aqui respira,  
Ama e fascina.

O bruto e o homem, porque a virem os força  
A luz sombria dos meus olhos negros —  
Cinge a coroa, ao templo dos amores  
Vamos, ó bela!

Oh! nada temas quando as vês tão tristes  
Frontes altivas, que dominam a terra:  
Dobram-se aos pés da formosura Alcides,  
Beijam-lhe as mãos:

São os escravos das divinas formas,  
Das virgens santas, da virtude eterna;  
Incensos queimam, sacro fogo acendem  
No altar de Vesta.

Porém te vejo sobre o me o sepulcro  
Triste e sozinha debruçada em prantos...  
O pranto meigo e o soluçar queixoso  
Ouçam-te os céus!

Por entre os negros dolorosos crepes,  
Pulsam-te os seios arquejantes, brancos,  
Voam-te è m ondas os cabelos soltos

Na aza dos ventos.

Colhe-os, entrança-os; das espáduas belas,  
Vampírea sombra, o negro luto despe!  
Cinge a coroa e as sedas alvejantes  
Como minha alma!

### ARREPENDIMENTO

*Leucollenos Here!*

HOMERO

Cala-te... o quanto me queres,  
Não digas! deliras tanto,  
Que quase aterra-me o encanto  
Que em ti meu ser produziu!  
Salamandra dos prazeres,  
Nas chamas fui; da saudade  
Nas sombras sou: e amizade  
Tanta, nunca alma sentiu!

Meu Deus, que das à inocência  
Todo o riso dos amores,  
Toda a graça, todas cores  
Das asas do querubim,  
Dá que na luz da existência  
Ria-se à luz da esperança  
A tão formosa criança,  
Tão alva como o jasmim!

Nela firmava o futuro,  
Na minha eterna tristeza...  
Tanta nascente beleza  
Todo um presente criou!  
Então, no sonho mais puro  
Que tu concedes à estrela,  
Raiou-lhe a crença tão bela,  
Que nunca mais a deixou!

Perdão, Senhor! foi loucura  
No homem cego e mundano,  
Fugir do amor soberano  
Ao fulgor material...

— M a s esta dor seva, escura,  
Sempre a falar do passado,  
Foi o pão amaldiçoado  
De cada dia a meu mal!

### CASUARINAS

Venho ouvir os doces trenos,  
Casuarinas,  
Venho ouvir a voz do mar:  
Dos cabelos nazarenos  
As neblinas  
Sacudi d'entorno ao ar!

Tão aéreas, tão gementes,  
Sois tão belas  
Como o são virgens do céu,  
Com suas almas transparentes  
E quando elas  
De luzes desdobrara o véu.

Vem nas ondas dos luares,  
Na miragem  
Da harpa eólia a gemer,  
Belas virgens dos cismares,  
Grata imagem  
Vem-vos a alma adormecer...

Quando a brisa suspirando  
Vos inclina  
— O h! a doce inspiração! —  
Vossas musas se embalando  
Vesperinas  
Falam tanto ao coração!

As estrelas, que se acendem  
Cintilantes,  
Vossas fronte matizaram;  
As auroras, que resplendem,  
Mil diamantes  
Dos seios vos arrancaram.

E venho ouvir vossos trenos,

Casuarinas,  
Venho ouvir a voz do mar —  
Dos cabelos nazarenos  
As neblinas  
Sacudi d'entorno ao ar.

### FLORES DO AR

*Ece Deus fortior —*  
Dante. Vita Nuova

Minh'alma se eleva  
Nas flores do ar,  
Que as bordas s'inclinam  
Das ondas do mar.  
E as ondas são virgens  
Que dão-nos vertigens,  
Se nelas s'inclinam  
As flores do ar.

Minh'alma flutua  
Nas auras de abril,  
Na luz se embalança  
Do céu puro anil.  
Se como a violeta  
A vês... borboleta  
Dos céus s'embalança  
Nas auras de abril.

Quem desce a colina?  
Quem anda à soidão?  
— N a fronte a tristeza,  
No olhar a paixão —  
Que faz a donzela  
Tão pura e tão bela  
Com tanta tristeza  
Na rósea soidão?

Espalha na terra  
Suas flores de abril,  
E uns risos d'esp'ranças  
Nos ares de anil. —  
Escuta: se amares



As flores dos ares,  
Tu morres em esp'ranças  
Como elas em abril.

II

.....  
Ela ensinou-me a soletrar seu nome  
Com a gentil afeição da flor que odora  
D'Hélios o puro amor  
Quando a dor da existência me consome,  
Eu beijo a doce letra, e nova aurora  
Vem afagar-me a dor.

Tu nunca o saberás... nunca a loucura  
Desprenderá meus lábios, que uma frase  
Te faça estremecer.  
Porém te adoro tanto, que a ventura  
De ver-te é todo o sonho, e amar-te quase  
De amor enlouquecer.

Louco! A luz da beleza que resplende  
Inseto eu fui, que cega e que delira  
Das luzes ao redor;  
Abelha d'embriaguez, que aos lábios pende;  
Serpente das paixões, que amor suspira  
Envenenando a flor.

Eram as brancas formas, eram os tronos  
Onde reina o mais vário; onde amor dita,  
Como um demônio, amor. —  
Porém, à ardente noite voltam os sons  
De mais brando sonhar, e a letra escrita  
Beijo, afagando a dor.

III

.....  
Bem sei que amar-te não posso;  
Que és luz, eu trevas, bem sei.  
Minha alma ardente de moço,  
Se adora a virgem minha alma,  
A fronte altiva com calma  
Posso curvar — e curvei...

Eu fui, Qual sombra, escutar-te  
Os hinos da etérea voz  
Como o cristal que se parte  
Das gotas fracas da fonte,  
Que então não desceu do monte,  
Deixando os ecos a sôs.

Fui, da divina fraqueza  
Ao encanto e à sedução,  
Sombra presa, presa, presa  
Da miragem peregrina,  
Que se eleva e se ilumina  
Aos raios do coração!

Nunca o destino te lira  
Qual me feriste — que fiz?  
Oh nunca a amor, que delira  
Da luz ao meio e do riso,  
Venha o anjo do paraíso  
Dizer-lhe: para, infeliz!

Tu me olhaste toda a noite  
Sem mais me apertara mão:  
Eu sentia fundo o açoite  
Com a mudez dos infelizes —  
Até tu também maldizes  
Minha eterna solidão!

Ai! a razão me abandona,  
Vai-se-me a vida estalar!  
Densas trevas sobre a zona  
Que eu percorria de luzes  
Obumbram-se, e a não seduzes  
Mais com teu vivido olhar!

Eu vi, que te admiravas  
De mim; eu vi-te partir —  
Ai! a vida que me davas  
Era tão pura e tão bela,  
Que podias ser a estrela  
Sempre em minh'alma a luzir!

Te amava eu, do amor puro

Que a terra deve a seu Deus:  
Como do vento o murmuro,  
Da onda a canção saudosa,  
Como a harmonia formosa  
Que emana dos lábios teus.

Oh! eu te amo! e tanto, tanto,  
Que não sei senão te amar!  
Os dias corram-me em pranto,  
Corram-me os dias por flores,  
Serás meu canto de amores  
Ou minha musa a chorar.

Escreveste-me a sentença  
De morte — enfim! mas, de ti  
Venha a paz e a doce crença,  
Venham os horrores da sorte,  
Na vida como na morte,  
Beijo os pés onde cai.

Adeus! eu levo comigo  
Todo o segredo do amor:  
Da sombra eterna ao abrigo,  
Somente lá, com meu pranto,  
Rompendo os lábios o encanto,  
Direi teu nome ao Senhor.

### **MIOSÓTIS**

Não vás! escuta-me! eu irei contigo,  
Não desesperes do destino me u! —  
Do céu as vezes cai um pranto amigo  
Aos anjos tristes que perderam o céu.

Oh! não me esqueças! não me esqueças inda,  
Que de saudades tuas morrerei!  
Se eu amo as flores, és a flor mais linda;  
Se amores queres, todo o amor te dei.

Não vás! espera, que o abismo é fundo  
Onde naufraga-se a existência inteira!  
Eterno o adeus, quando se foi do mundo  
Deixando a crença cândida e primeira!

Não vás! espera, que eu irei contigo  
Ao fim da vida! Do destino meu  
Não desesperes, porque foi comigo  
Que tu crescestes, que fui gênio teu;

Porque se fores, como a flor marinha  
Que o vento leva para estranho mar,  
Quando vieres, já na ausência minha,  
Tão murcha na alma, quem tu hás de achar?

Quem hás de ver da suspirada aurora,  
Se em teu caminho não existirei?  
Oh! não me esqueças, bela sedutora,  
Porque não chores como já chorei!

Não vás! escuta! — quando fui maldito  
Dos céus terríveis, que da esp'rança eu vim  
Por sobre a terra, como a do proscrito.  
Errante sombra, pálido Caim,

Tu foste a única estrelinha amiga  
Que ao procelar das noites não fugiu!  
Se vais, quem há que, posto o sol, me siga,  
Vésper formosa Qual jamais luziu?

Tu foste a flor de amor, que não morreu, me  
Da alma descrente ao sopro abrasador;  
Que a débil hastea sobre mim pendeu-me —  
Oh! não me deixes, sedutora flor!

Oasis meu da atribulada vida,  
Única flor, que sobre o me o rochedo  
Raio iracundo não tocou! — perdida  
Vais? oh não vás! que fico só, tão cedo!

.....  
Aqui brincamos... e os jardins sem flores  
As nossas balsas hoje encontrarão;  
E as borboletas, já sem terem amores,  
Ai! de saudades, mais não voltarão!

Mas, quando venha aos lábios teus risinhos

Abelha estranha adoce flor chupar,  
Serei na tua alma e nos mentidos sonhos  
A ave-fantasma, que verás passar:

Como nas plagas onde muge o vente,  
Se o fado ao nauta do seu mar lançou,  
Revoa a águia — que não toma assento  
Sobre a sua presa, que o chacal tomou.

### **SULTANA DO ROUXINOL**

Rosa, pensei que não virias hoje  
A tais horas de amor.  
As sombras se estenderam das limeiras,  
Os frutos odorando.

Desceu do monte a viração da tarde,  
Das nuvens d'ouro o sol;  
Voaram aves aos sonoros ramos,  
Erra a noite nos vales.

Doce filha das graças e os amores,  
Inteligente flor,  
Teu cinto é como o cálice dos lírios  
Aos zéfiros brandindo.

Quando brincas no bando d'inocentes}  
És a mais lenta a andar.  
Adolescem em ti somente os anos,  
Rindo-te a infância na alma.

Simelhas com teus braços alvejantes  
Visão crepuscular...  
Dos regatos azuis, que algures correm,  
Escuta, escuta as vozes!

O coração ressoa-me, contigo,  
Num hino perenal!  
Teus lábios são tão puros, que este beijo  
Se evapora e perde.

Não vás correr nas sombras das limeiras,  
Deixa as outras brincar —

São as vivas boninas que despontam  
Ao pôr do sol — escuta!...

.....

Aqui nos voltejavamos d'entorno  
Aos nossos corações;  
Ela aqui se assentou:  
Alegre estava o ar... — e como a terra  
Entristeceu depois!

### **ELOS QUEBRADOS**

Eu convalesço, o coração se agita  
De novo na existência enamorada!  
Dourando o rio azul, raia bendita  
Luz do céu... que me foi berço e morada.

Quanta luz! quanto amor! Quanta esperança  
Na estrela d'alva e aqui no coração!  
Meiga perdida, mágica lembrança  
Do que hoje choro — e sem consolação...

— Não me deixem cair! sinto-me fraco  
Para esta dor dos ecos do passado —  
Vascas sangrentas d'alma e olhar opaco  
Da loucura a surgir do inferno odiado!

Oh! rasguem-me estas trevas, que me envolvem  
E tiram-me da luz!... Anjos queridos,  
Não é verdade? os céus p'ra mim se volvem,  
E meus dias tereis, longos, floridos?...

### **VASCAS DO JUSTO**

*O odioso destino, que presidiu ao m eu  
nascimento, devorou-me!*

HOMERO

Meu pai, nesta hora, quando os homens choram  
Resignados, e abaixam a cabeça  
À divina piedade;

Quando a vil cobardia do pecado  
Leva à degradação — eu me alevanto  
E encaro a eternidade.

Mundo! mundo! se nunca me iludiste,  
Eu deixo-te com o mesmo desespero  
Em que vivi:  
Maldizendo a existência, que me deram  
Como uma grande cousa, que educaram,  
E eu fui que a sofri.

Fere, aqui teus meu coração, ó morte!...  
Obrigado... — Não foram os doces laços,  
Que eu cá não fora!  
De há muito a vida eu vô-la entregara,  
Pura e sem mancha, ao vosso pai celeste;  
E o mais... embora.

Caio, rugindo como as feras morrem,  
Como quebra-se o mar... Vos sois mais forte,  
Fatal poder!  
— Sinto o repouso da alma — sinto-a tria  
Como gelam os pólos — tenho sono  
E... — apodrecer.

### SONETO

Eu, que dobrei Qual verde branda vara  
Dos desertos ao vento, e da verdade  
Do amor e desta doce liberdade  
Sacrifiquei descrente à terra amara,

Amo-te! — Se soubesses a saudade  
Que dos risos se tem...Oh! doce e cara,  
Volve os teus verdes olhos com piedade,  
Como a Virgem dos céus, consola e ampara!

Vem, como o anjo, que se vê descido  
Sobre o túmulo alvar, nevi-luzentes  
Meigas asas abrir! Vem, que é perdido

O veneno da flor! — Hoje inocentes  
Perfumes solta o lírio anoitecido

As auras dos jardins frescas e olentes.

### ESPERAR

Quando eu subo os meus cumes floridos,  
Quem será que me brada — esperar?  
Oh! deixai-me ir adiante, ir adiante,  
Que eu não posso um momento parar!

Esperar — se amanhã não existe,  
Se estas flores não hão de existir;  
Esperar — quando os céus, quando a infância,  
Quando o amor — tudo vê-se a fugir?

Quando a mente referve e rebrama  
Como o incêndio da selva a estalar;  
Quando o mundo nos deixa, e nos vemos  
Do passado um sepulcro a alvejar?

Esperar — são as coroas de espinhos;  
São as rosas de Guatimozin;  
Esperar — são as portas sem esp'rança  
Deste inferno implacável, sem fim!

Esperar — são algemas candentes;  
São as vozes do amor sem cantar;  
São as dores sem pranto, rugidas  
Como as gralhas dos ventos o mar!

São da febre o delírio, o fantasma  
Da alma eterna, do nada a surgir  
E a voltar; são da morte e da vida  
Sono e dúvida, e o negro porvir!

Esperar — são as noites veladas,  
São as noites do eterno penar —  
Noites, noites — adiante! não posso,  
Oh! não posso um momento parar!

Mais depressa! o sol posto, nos cumes  
Sombras negras se obumbram de horror!  
Mortas alvas são, mortes os astros  
De olhar meigo luzindo ao pastor.



E esperar! quando os céus não existem,  
Quando as flores pressinto murchar;  
Quando a luz de amanhã, quando a esp'rança  
Não me esperam — e esperar? esperar!...

### DA MEIA NOITE

Dá meia noite; em céu azul-ferrete  
Formosa espádua a lua  
Alveja nua,  
E voa sobre os templos da cidade.

Nos brancos muros se projetam sombras;  
Passeia a sentinela  
À noite bela  
E opulenta da luz da divindade.

O silêncio respira; almos frescores  
Meus cabelos afagam;  
Gênios vagam  
De alguma fada no ar andando à caça.

Adormeceu a virgem: dos espíritos  
Jaz nos mundos risonhos.  
Fora eu os sonhos  
Da bela virgem... uma nuvem passa.

### LIMÕES CHEIROSOS

Limões cheirosos — quero nestes seios  
Morrer d'enleios, elevar-me aos céus!  
Sonhos risonhos, amorosos gozos  
Lograr ditosos — meu amor, me o deus!

Deixa... não fujas... tenho acaso na alma  
A ardente calma, que devora a flor?  
— A flor de amor ao lírio do martírio  
Acenda o círio, que ilumina amor!

Amo os teus olhos, amo os teus cabelos  
Nos ombros belos... sobe neste altar!

Tua luz seduz! grinalda d'esmeralda  
Tua fronte escalda... deixa-te adorar!

### **EU VI A FLOR DO CÉU**

Eu vi a flor do céu — meiga esperança  
Sorrindo para mim, Deus verdadeiro!  
EU amei como um doido a formosura,  
E eu não tinha dinheiro...

Então senti minha alma degradada,  
Como à bandeira que hasteou-Tarquino,  
Quando o fogo da febre lhe lavrava  
Nas veias do assassino.

E do mundo aos aplausos, minha fronte  
Pálida entristeceu, mal resignada,  
Como essas flores, cuja alvura indica  
Flórea estação passada.

### **ANINHAS**

.....  
Beber eu ia as fontes que por ali manavam,  
As sombras assentar-me que ali s'embaçavam  
Naqueles doces vales, naqueles céus de amor!  
No prado e nos jardins brincando andava Aninhas  
Com o bando sussurrante de lindas irmãzinhas,  
De borboletas lindas, que vão de flor em flor.

Oh dias! dias de ouro do Rio de Janeiro!  
Noites cheias de vozes! e os gênios feiticeiros  
Da brisa e das torrentes do vale na soidão!  
Tardes enamoradas i formoso firmamento!  
Onde em cismar tão fundo perde-se o pensamento  
E estalam as cordas da alma na dor do coração!

E no passado jazem todos os sonhos meus!  
Eu era o lírio cândido dos zéfiros de Deus!  
E negro lírio eu sou, do inferno anjo do mal!  
O mundo converteu-me, da flor mais encantada,

Em venenosa flor, dos nortes açoitada,  
Gemendo na montanha à voz do vendaval!

### **MORRERES?**

Que o meu amor nas lágrimas se banha,  
Que sofrem os que amam-me, tu dizes?  
Que um cortejo de mágoas me acompanha,  
Que espalho espinhos onde quer que pises?...

Tu és formosa, como a branca estrela  
Nas trepidantes fontes cristalinas,  
Tens na alvura do rosto alvas boninas  
As noites perfumando, oh como és bela!

Como és formosa, mármore alvejante  
D'estátua, que enamora a autora mão!  
Quem me dera poder, louco, anelante  
Nos seios acender-te o coração!

E dizes tu, que sofres, que endoideces  
Nesta flagelação de tanto amor?  
Choras, olhando aos céus, como quisesses  
Dali justiça eterna à tanta dor?...

Antes vê aqui dentro... é sangue vivo  
Dos elos misteriosos com que prendes  
O trino e santo amor, que mal compreendes,  
Que em mal devora ao trovador cativo!

E morreres em quanto a vida, isenta  
Da mancha, é doce aroma aos pés de Deus?  
Enquanto a luz, que o peito te adormenta,  
Em onda azul derramam os olhos teus? —

Antes do belo túmulo a brancura  
Ardesse incendiando-se os luares  
De frígida ardentia, dos polares  
Gelos formosos, que só dão loucura!

Antes da bela estátua de alabastro  
O mundo visse a transfiguração —  
Surgindo o sonho, iluminar-se o astro,

## Morte de amores Pigmalião!

.....  
Mas, porque me despertam harmonias  
A tais horas da noite em meu rochedo?  
Não são da vaga em torno as agonias,  
Nem do vente os gemidos no arvoredos.

Preludiam de amor e de saudade  
As vozes que eu escuto — alçai o canto!  
São belos corações de mocidade  
Que trazem-me talvez, a mim, seu pranto...

Cantai, cantai — o mágico instrumento  
Tem segredos de amor na solidão!  
Vibrai, pangi tão funda o isolamento,  
A arrebentar as cordas ao violão!

.....  
Umbrosa noite, sombras encantadas,  
Fulgor nos astros, o exalar da terra,  
“Minh'alma é triste”, endechas namoradas  
Qu'embalam a noite e a viração desterra...

## SONS E AROMAS

### I

Ao meio dia, flor, quando adormece  
Da acácia à sombra meigo trovador;  
Quando ao cair da calma nos parece  
Sentir andando no Éden o Senhor,  
Solto o mais doce canto — em que se esquece  
E entre imagens delira o sonhador —  
Nos desertos dormido, ele agradece  
Com o sorriso do sono ao bom cantor!

Porém, tu, que só abres à noitinha,  
Quando já ninguém vê nem há calor;  
Que só queres encantos da estrelinha,  
Que não plantou-te, nem te tem amor —  
Ai! flor ingrata, lívida e mesquinha,

Ao repouso o que dás do homem de dor?  
Que dás ao que te adora e te acarinha,  
Que, se morreres, morre o trovador?

Ocultas-te do olhar de um belo dia,  
Quando esguicham do sol vida e calor,  
Quando toda ave trina de alegria  
E sem sorrir não há nenhuma flor!  
E morres — sem o amor dessa poesia  
Do triste desfolhar — não tens amor?  
Freira egoísta rezando ave-Maria,  
Desconfio de ti, flóreo primor.

Eu canto desde a aurora, e atravesso  
Da calma sesta o fogo abrasador,  
Entre flores, entre essas que, de aceso  
Esmalte, ostentam glórias de esplendor!  
Entre as rosas que fazem de travesso,  
Ai! delirar um rouxinol de amor!  
— Tanta inocência, a candidez em excesso,  
Não vão bem co'a paixão que inspira a flor.

## II

Bonina do cair da tarde bela,  
Nessa hora d'enlevos, que anuncia  
A oração, a flor da ave-Maria  
Eu, és tendo minha alva e fina teia,  
Tão alva como a luz deste luar!  
Como fraldas nitentes da donzela  
Que adormeceu em sonhos de harmonia,  
Envolvem-me as visões do alvor do dia,  
Que da virgem parecem se exalar.

O astro do pastor no firmamento  
Folga de amar-me e enamorar-me a sorte:  
Anjo crepuscular do nascimento,  
Anjo da aurora vem chorar-me a morte,  
Quando as rosas do sol vão despontar:  
Dou-lhe as doces primícias da consorte,  
Na ausência eflúvios, que lhe leva o vente,  
E inda no matutino passamento  
M'o verás do meu túmulo abraçar.

Perfumo a noite; o trovador cismando,

Triste asila-se à sombra da alva imagem,  
Beija a flor sua — e sinto-o soluçando,  
Presa inocente de fatal miragem  
Do sol, das nuvens, da soidão, do mar.  
Aos aromas, estremeço à mansa aragem;  
O beija-flor noturno delirando  
Aos aromas de mel... vives cantando,  
Bela ave — dou motivos a cantar;  
Torno a esp'rança formosa, aos céus voltando  
Do amor o sonho, as liras a afinar.

### ISABEL DE ESPANHA

*Tanto agitaram o turíbulo, que  
esborracharam as ventas do ídolo —  
OP. LIR.*

Filha de reis divinos! divina sobre a terra!  
Onde Isabel — princesa, rainha excelsa — onde erra?  
Sombra do abismo — imagem do anjo decaído,  
Que ver não sofre uni trono e nele um rei erguido,  
Que tira-lhe primeiro o amor da humanidade,  
E, pelo condão mágico da doce liberdade  
Que d'alma luz à frente, cinge-lhe d'ouro a coroa  
E meio a rir o deixa — misérrima *bourboa!*

Na mão esquerda empunhas teu raio de Vulcano,  
Na destra e mais sinistra teu cetro de tirano;  
Silvam-te as tranças, presas serpentes de Medusa,  
E creste-te inspirada - foi- te do interne a musa!  
Passavas como um astro por sobre a escuridão  
Das fronte prosternadas da augusta multidão,  
E a púrpura colhendo, que a não manchasse ablusa,  
Não viste que dormia de Deus esse vulcão!

Nos ares reinam os ventes, as vagas no oceano,  
Na terra a frente livre do povo soberano!  
Quando arrebenta o raio, ergueu-se a tempestade;  
Ao povo quando geme, tiraram a liberdade;  
Do peito lhe arrancaram, arca de grande herança,  
Dos seus avôs a glória, dos filhos a esperança:  
Porém, triste, sofrente, não ruge muitas vezes  
Na dor, e longos anos vai migibundas rezes.

Mandam-no emudecer os tresloucados reis,  
Ébrios d'incensos vãos; a carta de suas leis  
Rasgam-lhe à face pura - que então muda de cor!  
A vez primeira encaram-se, o povo, que é senhor,  
Co'os reis, que ele elevara — símbolo em seus altares,  
Da paz ao cidadão e da virtude aos lares!  
Encaram-se inimigos, com a verde parasita  
A selva, que lhe dera amor, seiva e guarita.

“Quão pouco custa, ai! flor do trono de Bourbon,  
Ser nos destinos guia de um povo nobre e bom!”  
Dirás, atrás olhando, figueira amaldiçoada  
Do Deus que sobre a terra disse, com a voz sagrada  
Que as almas incendeia — amor e liberdade —  
O Deus irmão dos homens, o raio da verdade,  
E que olvidais, escravos, esfinges misteriosas,  
Postos da pátria ao meio, como mortuárias lousas!

E quando, a Espanha na alva de vividos fulgores,  
Vires que volta o amor à pátria dos amores,  
Que ao menos do remorso corra-lhe livre o pranto  
A quem sortir não soube da liberdade ao canto.  
Católica rainha, do exílio majestade,  
Desfolha a *rosa de ouro* da fronte triste assim:  
A benção tua estende, na hora da saudade,  
À bela Espanha, a Torre e ao denodado Prim!

## VINTE E OITO DE JULHO

Os lábaros verdes nos ares ondulam,  
Na glória da pátria, na crença de Deus!  
Os peitos levantam-se, os hinos modulam,  
Na terra cantados, ouvidos nos céus!

Nas róseas torrentes que descem d'aurora,  
Nos ventos, nos mares convulsos de amor  
Os cantos formosos s'entoam d'outrora,  
Que as fronte incendem de eterno fulgor!

Os louros não murcham na pátria dos lírios!  
Os cravos não tombam dos braços da cruz!  
-Se pungem com sangue, com fundos martírios,

Sabeis que transformam-se em astros de luz!

Dobrai os joelhos! beijai esta terra  
De nobres passados! sabeis ter-lhe amor!  
Sabeis defendê-la nos campos da guerra —  
Sois livres! sois filhos do sol do equador!

### **TO INEZ**

(BYRON — *Paráfrase.*)

Oh! não sorrias para a fronte pálida  
Que não pode sorrir.  
Nunca dêem-te os céus veres teu pranto  
Em vão, em vão cair.

E perguntas, que dor punge-me oculta  
Corroendo a alegria e a mocidade?  
Envenenada dor — e que te importa,  
Se a mitigar não pode essa piedade?

Não é amor, nem ódio,  
Nem de ambições a honra vã perdida,  
Que os dias meus aborrecer me fazem  
E os amores fugir que amei na vida:

Mas, é a mágoa, que me vem de tudo  
Quanto eu escuto e vejo.  
Não me alegremos encantos da beleza,  
Nem esses olhos, que resplandem e beijo.

Mas, é a do profunda, é a tristeza  
Do legendário vagabundo Hebreu,  
Que só tem olhos fitos sobre o túmulo  
Onde vá descansar martírio seu.

Quem de si fugir pode? o pensamento,  
Esse demônio da alma enegrecida,  
Nus mais remotos climas segue-o, segue-o,  
Açoite vivo da importuna vida!

E no entanto outros vejo nos prazeres,  
Fruindo o que eu deixei:



Possam eles, dos sonhados arroubos,  
Nunca acordar, assim como acordei!

Eu vou por toda parte,  
Réprobo, do passado perseguido —  
Mas consola-me o ver que, quanto eu sofra,  
Nunca mais há de ser quanto hei sofrido.

Quanto hei sofrido? ai! não m'o pergunte,  
Por piedade, anjo eterno!  
Ri-te — desmascarar não queiras do homem  
Um coração que te amostrara o inferno!